

Rainer Zitelmann

EM DEFESA DO
CAPITALISMO



Um antídoto
para os mitos
anticapitalistas

 ALETHEIA
EDITORES

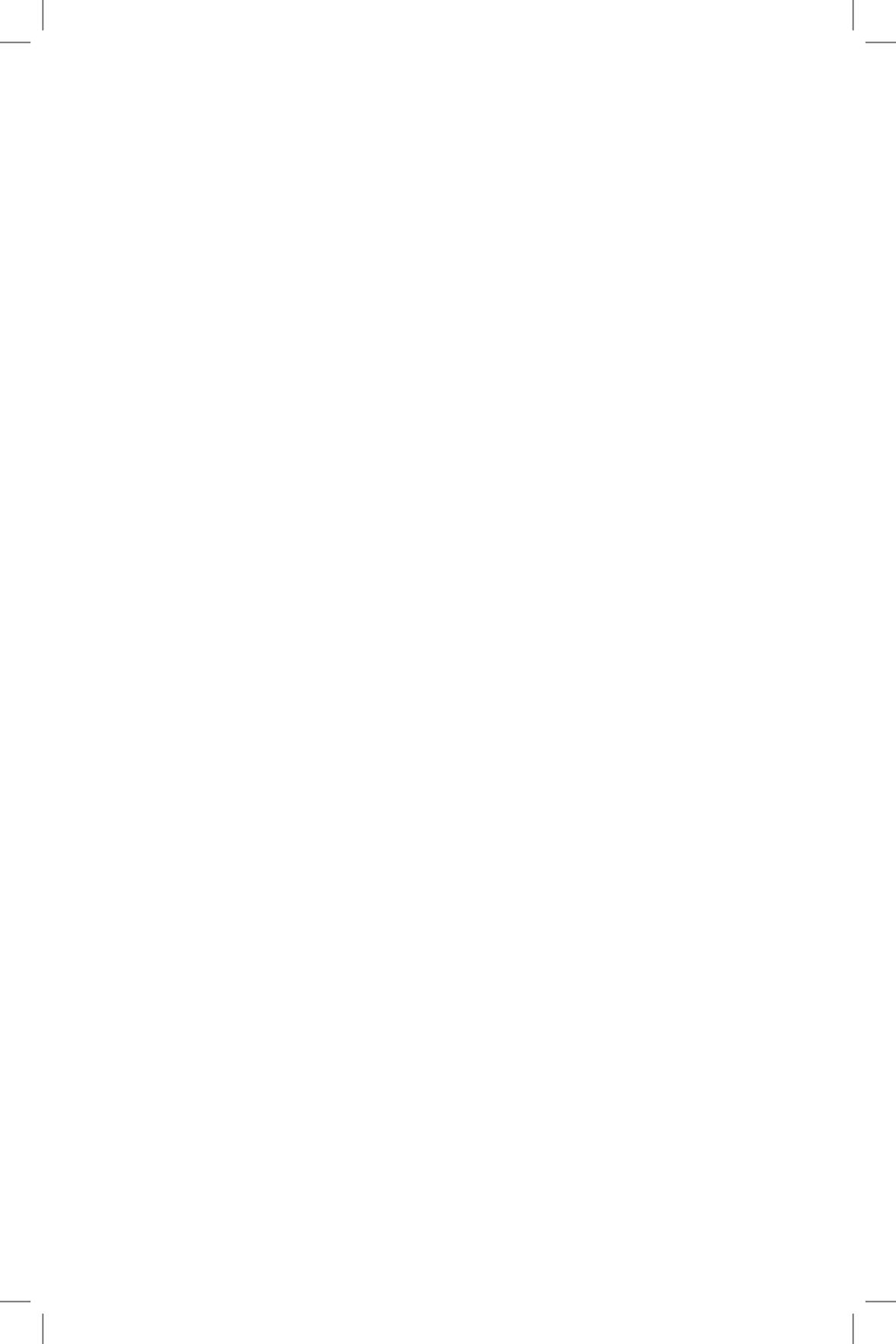
 +Liberdade



*«(...) aquilo que os gregos chamam alêtheia,
a desocultação, o descobrimento.
Aquele olhar que às vezes está pintado
à proa dos barcos.»*

Sophia de Mello Breyner Andresen

Título original: *Die 10 Irrtümer der Antikapitalisten: zur Kritik der Kapitalismuskritik* • Título da edição inglesa: *The 10 greatest Fallacies of Anti-Capitalists* © 2022 by Rainer Zitelmann, Berlin, Germany / All Rights Reserved. Agenciamento de direitos para Portugal: Maria Pinto-Peuckmann, Literary Agency, World Copyright Promotion, Kaufering, Germany • Todos os direitos reservados para publicação em Portugal por Alêtheia Editores e Instituto Mais Liberdade • Tradução: José Mendes Lopes • Revisão: Pedro Almeida Jorge e Bruna Fialho • Colaboração: Ana Bela Nobre • Zona Industrial da Ponte Seca, 2510-752 Gaeiras – Óbidos • Tel.: (+351) 21 093 97 48/49 • E-mail: aletheia@aletheia.pt • www.aletheia.pt • Capa e paginação: Paula Catalão • ISBN: 978-989-9077-66-9 • Depósito Legal: • outubro 2022



PREFÁCIO

Para o senso comum, o capitalismo está associado a tudo o que de mal aconteceu no mundo. Para muita gente, que não apenas os seguidores da religião política do anticapitalismo, a própria palavra é sinónimo do pior dos males. Olhe-se para onde se olhar, o capitalismo não parece gozar de muitos amigos ou aliados, apesar de ter sido o sistema económico que maior sucesso teve na história da humanidade.

O principal artifício a que os anticapitalistas recorrem é o de comparar a realidade em que vivemos com o ideal do mundo perfeito dos seus sonhos, um ideal que não existe nem nunca existiu em nenhuma parte do mundo. Os anticapitalistas contam com o facto de a maioria das pessoas pouco saber sobre história e sobre a extrema pobreza e as circunstâncias desumanas em que os nossos antepassados viviam antes do advento do capitalismo. E sabem que a maioria das pessoas muito pouco terá aprendido com os seus professores na escola ou na universidade sobre as condições cruéis e desumanas do socialismo.

Por último, pintam o futuro com as cores mais negras, atribuindo a causa de cada problema e crise não a falhas do Estado mas a alegadas deficiências do mercado. E o facto de todos os sistemas anticapitalistas, sem exceção, terem redundado em fracasso é um argumento que os socialistas não estão dispostos a aceitar. Têm sempre uma resposta pronta – “Isso não foi o ‘verdadeiro’ socialismo!” – e dão convictamente a entender que, após 100 anos de experiências socialistas frustradas, encontraram a receita para fazer com que o socialismo finalmente funcione.

O capitalismo é, essencialmente, um sistema económico baseado na propriedade privada e na concorrência, no qual as próprias empresas são livres de determinar o quê e quanto produzir, auxiliadas nas suas decisões pelos preços formados no mercado. Os papéis principais nas economias capitalistas são desempenhados pelos empresários, no desenvolvimento de novos produtos e na descoberta de novas oportunidades de mercado, e pelos consumidores, cujas decisões individuais acabam por determinar o sucesso ou o fracasso do empresário.¹ No seu cerne,

o capitalismo é um sistema económico empresarial. Em bom rigor, economia empresarial seria o termo mais adequado para o descrever.

No socialismo, pelo contrário, reina a propriedade estatal, e não há nem concorrência real nem preços reais. Não há, sobretudo, empreendedorismo. São as autoridades de planeamento do Estado centralizado e não os empresários privados quem determina que produtos são produzidos e em que quantidade.

Contudo, em lado nenhum existem sistemas destes na sua forma mais pura. Na realidade, todos os sistemas económicos são sistemas mistos. Nos sistemas socialistas do mundo real, havia e há alguma propriedade privada de bens de capital e de meios de produção, bem como vestígios de uma economia de livre mercado (se assim não fosse, teriam entrado em colapso muito mais cedo). E nos países capitalistas modernos existem numerosos componentes do socialismo e da economia planificada (que frequentemente dificultam o funcionamento da economia de mercado e, conseqüentemente, distorcem os seus resultados).

No meu livro *The Power of Capitalism* [“A Força do Capitalismo”], desenvolvi uma “teoria” a que agora chamo a “Teoria do Tubo de Ensaio”. Não é tanto uma teoria; é mais uma metáfora que pode ser usada para compreender melhor os desenvolvimentos históricos: Imagine um tubo de ensaio contendo os elementos do Estado e do mercado, do socialismo e do capitalismo. Acrescente-lhe mais mercado, como os chineses têm vindo a fazer desde os anos 80. O que é que observamos? Uma diminuição da pobreza e um aumento da prosperidade. Ou ponha mais Estado no tubo de ensaio, como os socialistas têm vindo a fazer na Venezuela desde 1999. O que acontece então? Mais pobreza e menos prosperidade.

Vemos esta luta de opostos por todo o lado: o mercado contra o Estado, o capitalismo contra o socialismo. É uma contradição dialética, e o desenvolvimento de um país – experimente ele mais ou menos prosperidade – depende do modo como se desenvolve a relação entre mercado e Estado. Se nos anos 80 e 90, assistimos a um reforço das forças de mercado em muitos países (Deng Xiaoping na China, Margaret Thatcher e Ronald Reagan na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos, reformas na Suécia e no início dos anos 2000 na Alemanha), hoje é o outro lado – o Estado – que parece estar a ganhar vantagem. Ao nível das ideias, o anticapitalismo voltou a estar na moda e está a ter uma crescente influência no moldar do pensamento de uma nova geração de jornalistas e políticos.

Na volta que dei ao mundo para o lançamento de *The Power of Capitalism*, fui frequentemente questionado sobre temas que não tratei nesse livro, como sejam: e a degradação do ambiente? Ou: não estarão os valores humanos perdidos no capitalismo, e será que tudo o resto não fica subjugado à procura do lucro? Será que não existe uma contradição fundamental entre democracia e capitalismo? Afinal, ao olhar para os Estados Unidos, as pessoas perguntam-se: não é evidente que os resultados políticos não são determinados pela maioria dos eleitores, mas sim pelo dinheiro? E o fosso entre ricos e pobres, que, como os *media* não se cansam de informar, está sempre a aumentar? E o que é que tem a dizer sobre monopólios globais, como Google e Facebook, que estão a tornar-se cada vez mais poderosos? Será que o capitalismo não tem culpa dos conflitos militares em todo o mundo e do surgimento de terríveis ditaduras – incluindo o regime nacional-socialista de Hitler na Alemanha? Por fim, as pessoas que duvidam do capitalismo ou estão desesperadas com ele, perguntam: Não deveríamos tentar alternativas ao capitalismo? São estas algumas das questões que abordo neste livro.

Ao lerem os capítulos que se seguem, rapidamente se darão conta de que não o faço a um nível teórico. Os opositores do capitalismo adoram discutir teorias porque sabem que, nas discussões conceptuais, nem sempre é fácil decidir quem está certo e quem está errado, e porque lhes agrada elevarem-se às alturas da abstração. Para a maioria das pessoas, contudo, as teorias e os modelos económicos abstratos são demasiado intangíveis e difíceis de compreender. Esta é a primeira desvantagem. A segunda, ainda mais significativa, é que algumas teorias são sedutoras porque vão ao encontro do que pensamos que sabemos, dos nossos preconceitos sobre o mundo. Se forem coerentes, cativantes na sua formulação, bem-apresentadas e, acima de tudo, alinhadas com o que pensamos que já sabemos, exercem uma grande atração. Penso ser mais importante começar por verificar se os factos em que uma teoria se baseia são realmente verdadeiros. E este é o calcanhar de Aquiles das teorias promovidas pelos anticapitalistas: não se ajustam aos factos históricos; limitam-se a reforçar os nossos preconceitos sobre o mundo.

Alguns defensores do capitalismo também gostam de discutir modelos económicos. Nada tenho contra isso, e tais modelos têm a sua justificação. No entanto, penso que faz muito mais sentido discutir factos históricos do que envolvermo-nos num debate sobre modelos teóricos antes de se decidir a quem cabe a razão sobre tais factos.

Neste livro, adotei a seguinte abordagem: na Parte A, concentro-me em detalhe sobre os argumentos que são repetidamente lançados contra o capitalismo; na secção intermédia, Parte B, trato a questão das alternativas ao capitalismo: o socialismo é muito bonito no papel – exceto no dos livros de história; a terceira secção deste livro, Parte C, trata das perceções das opiniões públicas sobre o capitalismo.

Talvez já tenha lido o livro de Steven Pinker, *O Iluminismo Agora*, ou o de Hans Rosling, *Factfulness*. Fiquei fascinado com estes livros porque demonstram o quanto a maioria das pessoas está errada quando acredita que tudo foi melhor no passado e que o mundo inteiro está a piorar. Existe uma contradição flagrante entre, por um lado, os resultados dos inquéritos sobre como a maioria das pessoas vê o mundo à sua volta e, por outro, os factos. O mesmo acontece no que toca às opiniões sobre o capitalismo, onde existe uma acentuada divergência entre os factos históricos e económicos, por um lado, e as perceções das pessoas, por outro. Sei que assim é porque, no âmbito de um projeto de investigação conduzido em larga escala a nível internacional, inquiri pessoas de 33 países sobre o que pensavam do capitalismo.

O objetivo principal deste livro não é o de entrar em polémicas com outros académicos, mas sim o de questionar as opiniões públicas sobre o capitalismo. Porém, em alguns capítulos, abordo diretamente argumentos avançados por diversos intelectuais anticapitalistas de renome – como Thomas Piketty, Naomi Klein e Noam Chomsky – e em livros e artigos escritos por académicos críticos do capitalismo. Faço-o sobretudo quando considero que as suas teses acabaram por encontrar eco junto de setores significativos da opinião pública. É claro que muitas das pessoas que têm opiniões anticapitalistas nunca leram as obras de Karl Marx ou as dos modernos críticos do capitalismo. Mas muitas destas teses – que meios de comunicação social, universidades e escolas se encarregam de difundir – entraram na consciência coletiva e acabam por ser consideradas, pelo menos em parte, como verdades adquiridas, apesar dos inúmeros erros que contêm.

Também se verá que, embora algumas destas teses possam ser apresentadas como recentes e inovadoras (por exemplo, a crítica ao consumo), são de facto muito antigas. Ainda que a argumentação que suporta o anticonsumismo possa ir mudando – umas vezes o movimento preocupa-se com a destruição da cultura, outras com os alegados perigos do

“consumo alienado”; hoje são as alterações climáticas – o alvo permanece o mesmo: o capitalismo. Esta constante mudança de argumento por parte dos anticonsumistas sugere que a lógica não é para eles tão importante como o verdadeiro alvo. Alguns anticapitalistas, incluindo Naomi Klein, admitiram mesmo, e sem reboço, que só se interessaram por questões como as alterações climáticas quando descobriram que esta questão era uma arma nova e eficaz na luta contra a única coisa que detestavam acima de tudo: o capitalismo.

Os críticos irão provavelmente acusar-me de “parcialidade”, porque um grande número de factos e argumentos que apresento neste livro irá desafiar muitas das “verdades” sobre o mundo em que a maioria das pessoas passou a acreditar. Irá também contradizer a narrativa que é veiculada por muitos dos meios de comunicação social (lá chegarei dentro de momentos).

É por isso que a leitura deste livro tem como pré-requisito uma mente aberta aos factos que possam desafiar a sua visão do mundo. No nosso inquérito internacional, confrontámos os inquiridos em 33 países com 18 afirmações que visavam conhecer as suas opiniões sobre o capitalismo. Uma afirmação que colheu pouca anuência foi a de que o capitalismo melhorou a vida do cidadão comum em muitos países de todo o mundo – a maioria dos inquiridos acredita que o capitalismo é responsável pela fome e pela pobreza. Os números que apresento no Capítulo 1 deste livro deixam claro que sucede exatamente o contrário.

No entanto, em relação à fome e à pobreza, é muito difícil ter uma discussão assente em factos. Quanto maior for a carga emocional de um tema, menos dispostas estarão as pessoas a aceitar dados empíricos que contradigam as suas próprias opiniões, um facto que tem sido repetidamente confirmado por experiências e estudos científicos.

Por exemplo, numa série de inquéritos representativos, quase idênticos, feitos ao longo das últimas três décadas, os investigadores mostravam aos inquiridos uma folha de papel com a fotografia de uma pessoa e um balão de discurso, para os quais davam o seguinte enquadramento: “Gostaria de lhe falar sobre um incidente que aconteceu no outro dia num painel de discussão sobre [seguiram-se variados tópicos: engenharia genética, alterações climáticas, energia nuclear, poluição atmosférica, etc., todos eles emocionalmente polarizantes]. Os especialistas estavam a falar sobre os riscos e os últimos desenvolvimentos nesse campo. De re-

pena, um membro da audiência salta e grita algo aos membros do painel e à audiência.”

Os investigadores pediam então aos inquiridos que olhassem para a pessoa e para o balão de discurso no papel, que continha o seguinte: “O que é que me interessam os números e as estatísticas neste contexto? Como é que conseguem tratar tão friamente um assunto destes, quando a sobrevivência da humanidade e do nosso planeta está em causa?” Abaixo do balão estava uma pergunta: “Diria que esta pessoa está certa ou errada?” Esta pergunta foi feita repetidamente ao longo de 27 anos em 15 diferentes inquéritos representativos sobre uma variedade de temas altamente emotivos e controversos. De um modo geral, a maioria dos inquiridos concordou com o interpelante que não estava interessado nos factos. Em média, 54,8% disse que o interpelante resistente aos factos estava certo; apenas 23,4% discordou.²

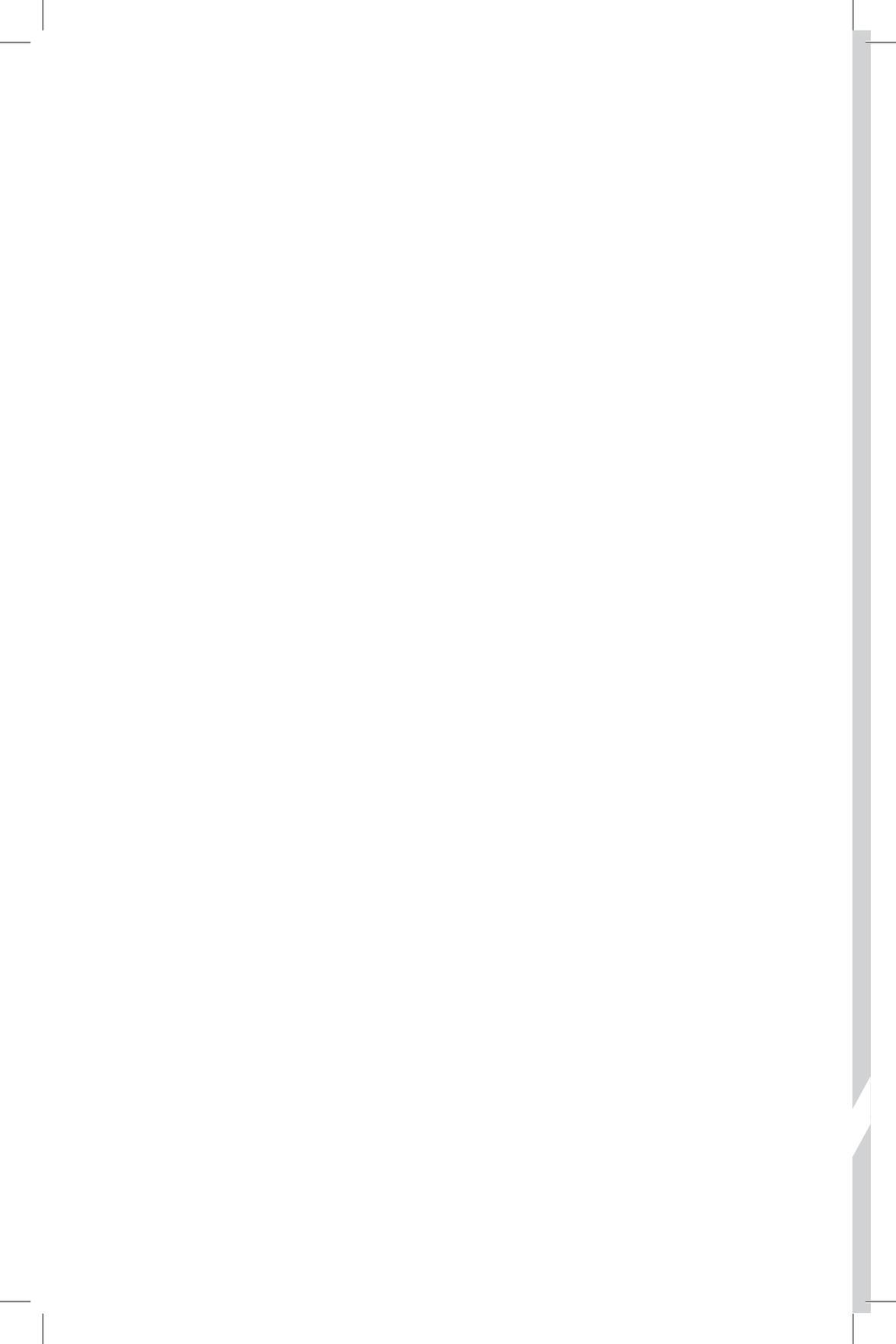
Ao escrever este livro, não estou de modo algum interessado em adotar uma posição artificialmente “centrista” ou em acomodar as opiniões erradas de um grande número de pessoas quando os factos são indiscutíveis. Dito isto, e dadas as centenas de livros que já foram escritos para denunciar o capitalismo, não haverá certamente nada de errado em escrever um livro em sua defesa. Em qualquer julgamento, o réu tem sempre direito a um advogado de defesa. O juiz – que, neste caso, é o meu estimado leitor – só profere a sentença quando todos os factos foram apresentados. Ora, isso inclui os factos a favor do capitalismo. Um julgamento em que não há defesa e a acusação e o juiz estão conluiados é um julgamento de fachada. Infelizmente, o debate sobre o capitalismo assemelha-se mais frequentemente a um julgamento de fachada do que a um julgamento justo.

Fiquei muito impressionado com a clareza e a simplicidade da linguagem usada na defesa da economia de mercado pelo meu amigo Professor Weiyang Zhang, um conceituado economista da Universidade de Pequim. Incluí, neste livro, um artigo da sua autoria, que encontrará nas páginas 323-343. Àqueles que não se tenham ainda debruçado sobre o tópico do capitalismo, recomendo a prévia leitura deste capítulo – logo após este prefácio – em vez de o lerem no fim.

Finalmente, gostaria de agradecer aos académicos e amigos que me ajudaram com o seu encorajamento e com os seus comentários críticos. Alguns leram apenas alguns capítulos, outros todo o manuscrito.

Os meus agradecimentos vão para o Prof. Jörg Baberowski, o Dr. Daniel Bultmann, o Prof. Jürgen W. Falter, o Prof. Thomas Hecken, o Dr. Christian Hiller von Gaertringen, o Dr. Helmut Knepel, o Prof. Eckhard Jesse, o Prof. Hans Mathias Kepplinger, o Prof. Wolfgang König, o Dr. Gerd Kommer, o Prof. Stefan Kooths, o Prof. Wolfgang Michalka, Reinhard Mohr, o Dr. Kristian Niemietz, o Prof. Werner Plumpe, o Prof. Martin Rhonheimer, o Prof. Walter Scheidel, o Prof. Hermann Simon, o Prof. Frank Trentmann, o Prof. Bernd-Jürgen Wendt e o Prof. Erich Weede.

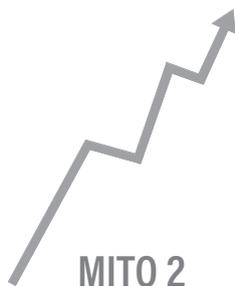
Os meus agradecimentos especiais vão para o Dr. Thomas Petersen do Instituto Allensbach, que dirigiu o projeto de investigação internacional durante muitos meses, e para o meu amigo Ansgar Graw, que mais uma vez investiu toda a sua competência na cuidadosa edição deste livro.



PARTE A:

Os Dez Maiores Mitos Anticapitalistas





“O capitalismo conduz a uma desigualdade crescente”

“Os pobres estão cada vez mais pobres e os ricos cada vez mais ricos” – vimos no último capítulo que pelo menos a primeira parte desta afirmação frequentemente repetida não corresponde à verdade. As fortunas de milhares de milhões de dólares dos super-ricos são normalmente contrastadas com o que a maioria das pessoas possui. Essas fortunas são de facto espantosamente elevadas, mas a grande maioria dessa riqueza está associada a ativos empresariais e produtivos. Há quem imagine Jeff Bezos com 100 ou 200 mil milhões de dólares na sua conta bancária. Mas, na realidade, a maior parte da sua fortuna – provavelmente mais de 95% – encontra-se imobilizada em ações da sua empresa, a Amazon, que emprega cerca de 1,3 milhões de pessoas em todo o mundo. Esta é a fonte da sua gigantesca fortuna.

Mas, primeiro, vamos fazer uma pergunta mais fundamental: o que dizer da questão da desigualdade? É verdade que, no capitalismo, o fosso entre ricos e pobres está a aumentar? Antes de respondermos a esta pergunta, cabe perguntar: Vale sequer a pena lutar pela igualdade? E o que é que se entende por igualdade? E porque é que há tanta gente mais preocupada com a questão da desigualdade do que com a pobreza?

Os autores da literatura utópica clássica eram obcecados pela noção de igualdade. Em quase todas as idealizações de sistemas utópicos, a propriedade privada dos meios de produção (e, por vezes, mesmo toda a propriedade privada) encontra-se abolida, à semelhança de qualquer

distinção entre ricos e pobres. Já em 1517, o romance *Utopia* do inglês Thomas More, que deu nome a este género, afirmava: “[E]stou convencido de que, a menos que a propriedade privada seja completamente abolida, não pode haver uma distribuição justa de bens, nem o mundo pode ser governado com felicidade. Enquanto a propriedade privada existir, a maior e a melhor parte da humanidade será oprimida por uma inelutável carga de cuidados e de ansiedades.”⁵⁹

No romance do filósofo Tommaso Campanella de 1602, *A Cidade do Sol*, quase todos os habitantes da cidade, sejam homens ou mulheres, usam o mesmo tipo de roupa. E na utópica descrição da República de Cristianópolis, de Johann Valentin Andreä, há apenas dois tipos de roupa. “Têm apenas dois fatos, um para o trabalho, outro para os dias santos; e são feitos da mesma maneira para todas as classes. O sexo e a idade são identificados pelo feitio do traje. O tecido é de linho ou lã, consoante seja para verão ou para inverno, e a cor de todos é branco ou cinzento; ninguém tem adornos pessoais vistosos.”⁶⁰ Até a arquitetura das casas é inteiramente uniforme em muitos romances utópicos.

Serão muito poucos os que, queixando-se de “injustiça social”, defenderiam hoje um tal igualitarismo radical. Quase toda a gente aceita como razoável que existam diferenças nos rendimentos, mas muitos acrescentam: estas diferenças não devem ser “demasiado grandes”. Porém, o que é que se considera “demasiado grande” e o que é que se considera razoável? Muitos críticos da desigualdade social salientam que as diferenças aumentaram nas últimas décadas – por exemplo, os administradores ganham hoje muito mais em relação aos seus empregados do que antes. Mas, assim sendo, estaria a proporção certa “antes”? Dificilmente, pois muitas das pessoas que hoje se queixam de “demasiada desigualdade” faziam então exatamente as mesmas queixas.

Tanto nas filosóficas “teorias da equidade” como no que muita gente pensa no dia a dia, a recompensa que alguém recebe pelo seu trabalho deve ser proporcional à quantidade de trabalho investido. “Se esta relação for desigual, ou seja, se alguém recebe mais recompensa com menos esforço, surgem sentimentos de injustiça.”⁶¹ Inquéritos têm vindo consistentemente a demonstrar que entre 88 e 95% dos europeus ocidentais acreditam que o “desempenho” deve ser um importante fator a ter em conta na determinação do rendimento.⁶² Mas a literatura ensina-nos que, especialmente para indivíduos com baixo estatuto socioeconómico,

“desempenho” é geralmente entendido como a “execução conscienciosa de uma quantidade definida de tarefas em determinado período de tempo”.⁶³

Para a maioria das pessoas, “desempenho” significa tanto o tempo gasto como a intensidade do esforço ou do empenho individuais. Chamo a isto a “mentalidade do empregado”, pois a experiência pessoal dos empregados ou trabalhadores indica-lhes que o seu salário ou vencimento é proporcional ao esforço despendido: quem trabalha mais tempo ou mais intensamente ganha normalmente mais. É isto que a maioria das pessoas vê como “justo”.

O que estas pessoas não compreendem é que esta relação se aplica – se é que se aplica mesmo – apenas a operários, funcionários, trabalhadores agrícolas e pescadores, mas certamente não se aplica aos empresários. O que mais conta no caso dos empresários é a qualidade da sua ideia de negócio, a sua criatividade, as suas inovações.⁶⁴ O economista austríaco Joseph Schumpeter escreveu que o lucro empresarial *“surge na economia capitalista sempre que um novo método de produção, uma nova combinação comercial, ou uma nova forma ou organização são introduzidos com sucesso. É o prémio que o capitalismo atribui à inovação. A implementação da inovação na economia nacional é a verdadeira função empreendedora, aquela que efetivamente constitui a atividade empresarial e a distingue da mera administração e dos aspetos repetitivos da rotina de gestão.”*⁶⁵

Se olharmos para a lista das pessoas mais ricas do mundo, constatamos que elas geralmente se tornaram ricas porque tiveram uma ideia empresarial distintiva e introduziram no mercado um produto que foi considerado útil por muitos consumidores. Este é o princípio capitalista, mas há muitas pessoas que não o compreendem. Não é a quantidade de trabalho que importa, mas sim o benefício proporcionado à sociedade. Este benefício tem muito pouco, e muitas vezes até nada, a ver com o tempo e o suor que um empresário investiu na sua ideia de negócio.

Outro mal-entendido que surge neste contexto é o que se traduz em desvalorizar essas ideias de negócio em retrospectiva, por a maioria das inovações, ao fim de algum tempo, seja após um ano ou após 50, parecerem banais e obsoletas devido ao surgimento de inovações melhores e mais recentes. Quem vê a criatividade empresarial desta forma não compreende que o que distingue as melhores ideias de negócio raramente é o seu génio técnico, mas sim o serem as primeiras a comercializar algo que é verdadeiramente relevante para as pessoas.

Atualmente, o Grupo Oetker emprega mais de 30.000 pessoas e gera milhares de milhões em vendas. Fundado em 1891, dez anos mais tarde August Oetker registou a patente de um fermento em pó que viria a fazer dele um dos homens mais ricos da Alemanha. Mais tarde, Oetker citaria muitas vezes a seguinte frase: “Na maior parte dos casos, só é preciso uma boa ideia para enriquecer um homem.”⁶⁶ Essa “boa ideia” nem sequer precisa de ser uma invenção do próprio empreendedor. Oetker não inventou o fermento em pó, mas foi o primeiro a ter ideias engenhosas sobre como ele poderia ser melhorado e, acima de tudo, transformado num produto que satisfaria as necessidades de milhões de pessoas.

Brian Acton e Jan Koum inventaram o WhatsApp e venderam-no ao Facebook por 19 mil milhões de dólares em 2014. Dois mil milhões de pessoas em todo o mundo utilizam hoje o WhatsApp, não só para enviar mensagens e ficheiros, mas também para fazer chamadas telefónicas gratuitas. Graças à sua ideia inovadora, os dois fundadores do WhatsApp acumularam uma fortuna que, entre os dois, ascende a 13 mil milhões de dólares. Ficaram ricos graças a uma ideia. Será que a desigualdade aumentou porque existem agora mais dois multimilionários? Certamente que sim. Mas será que prejudicou alguém, para além das operadoras com tarifários telefónicos caros?

As ideias e o momento em que ocorrem são cruciais, e nem sequer interessa se foi o próprio empreendedor a desenvolver a ideia. Muitos empresários de sucesso, seja Sam Walton do Walmart, Steve Jobs da Apple ou Bill Gates da Microsoft, não desenvolveram eles próprios as ideias-chave dos seus negócios, mas foram buscá-las a outros. Por seu lado, muitos inventores, seja da Coca-Cola ou do sistema operativo mais tarde chamado MS-DOS, não ficaram ricos com as suas invenções. Os que ficaram ricos foram aqueles que tiveram ideias engenhosas sobre como tais invenções poderiam ser transformadas em novos produtos que satisfizessem as necessidades de muitas pessoas num determinado momento. É óbvio que a questão de saber quanto tempo ou quão arduamente estes empresários trabalharam não tem qualquer significado. Muitas pessoas esforçam-se tanto quanto eles – ou talvez até mais – e trabalham durante tanto ou mais tempo, mas não ficam ricas.

Mas então e os executivos de topo das grandes empresas? Os seus salários elevados são fortemente criticados pelos opositores do capitalismo,

muitas vezes até mais criticados do que os rendimentos (geralmente muito mais elevados) dos empresários. Isto deve-se sobretudo ao facto de a informação relativa aos salários dos executivos ser muitas vezes do domínio público. Qualquer pessoa pode saber quanto ganha o CEO, ou diretor executivo, de uma empresa cotada em bolsa, o que normalmente não acontece no caso dos empresários. Além disso, muitas pessoas (mesmo aquelas com simpatias capitalistas) têm os gestores de topo em menor conta do que os empresários.

Os salários na área da gestão costumam ser muito elevados porque são determinados pelos princípios da oferta e da procura, num mercado onde a escassez de executivos de topo é grande – comparável à do mercado dos atletas de topo, onde frequentemente se pagam somas ainda mais elevadas. Ainda assim, um inquérito por mim contratado e realizado em onze países revelou que a maioria das pessoas acredita que os gestores de topo não merecem os seus elevados salários. Fiquei intrigado e quis saber porque é que tantas pessoas pensavam assim.

Os meus inquéritos revelaram que 63% dos alemães acham inadequado os gestores ganharem mais de 100 vezes o que os empregados assalariados ganham – afinal de contas, os gestores não trabalham muito mais tempo ou mais arduamente do que os seus empregados. Esta foi a opinião que mais apoio colheu quando se perguntava aos inquiridos porque é que os gestores não deviam ganhar tanto como ganham, e reflete a predominante “mentalidade do empregado”, anteriormente mencionada, segundo a qual os salários devem ser determinados sobretudo pelas horas de trabalho e pelo esforço exigido ao trabalhador.⁶⁷

Constata-se assim que os empregados projetam os seus próprios padrões de desempenho e de remuneração nos gestores de topo e acreditam que deve haver uma relação estreita entre o grau de dificuldade e o tempo de trabalho, por um lado, e o salário da pessoa, por outro. Porém, no que respeita aos salários dos gestores de topo, os inquiridos não veem tal relação. Concluem, portanto, que os salários dos gestores são excessivos, porque nenhum gestor pode trabalhar 100 vezes mais tempo ou com mais afinco do que um empregado médio. Os inquiridos não compreendem que os salários dos gestores de topo são determinados pela oferta e procura no respetivo mercado. Apenas um em cada cinco inquiridos alemães concordou que as empresas só podem contratar e manter os melhores gestores se pagarem salários muito elevados (o inquérito

especificava salários 100 vezes mais elevados do que o de um empregado médio), porque, de outro modo, esses gestores iriam para outra empresa que lhe pague mais ou trabalhariam por conta própria.⁶⁸ Na maioria dos outros países onde decorreu o inquérito, o cenário foi idêntico: a maior parte dos inquiridos (especialmente, mas não só, de grupos de rendimentos mais baixos) parece ter uma intuição salarial segundo a qual o salário é, por assim dizer, um “prémio de suor” que os compensa pelas horas que trabalharam.

Quem quer que defenda salários elevados para os administradores deve preparar-se para se tornar bastante impopular. Mesmo alguns defensores do capitalismo criticam os salários excessivos dos administradores, porque, no fim de contas, os administradores não estão sujeitos aos elevados níveis de risco a que estão os empresários. O que muitas vezes não é tido em conta é que essa é precisamente a razão por que os gestores ganham muito menos do que os empresários. Como proprietário de uma pequena ou média empresa (PME) na Alemanha, eu ganhava tanto como um membro da administração de uma das maiores empresas alemãs.

Um outro argumento que se ouve bastante é que os administradores recebem grandes indemnizações por rescisão mesmo quando não tiveram um bom desempenho. No entanto, as indemnizações por rescisão são negociadas *antes* de um administrador começar a trabalhar para uma empresa. Fazem parte do pacote salarial global de um gestor de topo. Claro que pode vir a acontecer que o pacote tenha sido demasiado generoso, por o gestor não ter tido um desempenho tão bom como todos esperavam. De igual modo, o pacote salarial de um gestor pode ser demasiado parco, se ele acabar por ter um desempenho acima do esperado – a diferença, neste último caso, é que podemos ter a certeza que isso nunca aparecerá nos meios de comunicação social. É o que sucede com os atletas de elite, a quem estão associados enormes valores de transferência, valores esses que podem vir a revelar-se excessivos se o atleta não tiver um desempenho tão bom quanto o esperado. Este ponto merece ser repetido: sempre que uma empresa contrata um gestor de topo ou uma equipa assina com um atleta de topo, não há garantias sobre os seus desempenhos futuros. Os seus salários baseiam-se em *previsões* e estas previsões baseiam-se no desempenho *passado*. E tais previsões podem estar certas, mas também podem estar erradas.

Se compararmos o que os gestores de topo fazem pelas suas empresas em termos de desempenho, ou seja, em termos de valor acrescentado para as suas empresas, então, em média, eles não ganham de mais, mas sim de menos, e isto resulta da incerteza. É o que demonstram estudos que analisaram o que acontece ao valor de uma empresa quando um diretor executivo morre inesperadamente ou adoece: o valor da empresa cai.⁶⁹ A literatura, de acordo com Tyler Cowen, mostra que “os diretores executivos apenas ganham cerca de 68 a 73% do valor que acrescentam às suas empresas. Para efeitos de comparação, uma estimativa recente sugere que os trabalhadores em geral não recebem, em média, mais de 85% do produto marginal... Por outras palavras, parece que os trabalhadores até são menos mal pagos do que os diretores executivos, pelo menos quando ambos são julgados em termos percentuais.”⁷⁰

A falta de compreensão destas interrelações acaba por ser uma razão para o ressentimento acerca da “desigualdade social” ou “injustiça social”. E não deixa de ser revelador que muita gente use ambos os termos em sinonímia. Aderiram, sem dúvida, à ideia pouco convincente de que só a igualdade pode ser justa.

O próprio conceito de “distribuição justa da riqueza social” é enganador. Não há riqueza produzida “pela sociedade”; a riqueza numa sociedade é, sim, a soma do que os indivíduos produzem e trocam. O economista Thomas Sowell escreve: “Se houvesse realmente alguma quantidade de rendimento ou de riqueza pré-existente, vinda sabe-se lá donde – maná caído do céu, por assim dizer – então haveria naturalmente uma questão moral quanto ao tamanho da parcela que cada membro da sociedade deveria receber. Mas a riqueza é *produzida*. Não *cai do céu*.”⁷¹

Se Robinson Crusoe e Sexta-feira vivem numa ilha e Crusoe tem uma colheita de sete abóboras e Sexta-feira uma colheita de três, não faz sentido dizer que Crusoe se apropriou de 70 por cento da riqueza da ilha. “Se tivermos em mente que a riqueza é algo que os indivíduos *produzem*, então não há razão para pensar que a igualdade económica é algo ideal e que a desigualdade económica é algo que requer uma justificação especial”, escrevem Don Watkins e Yaron Brook no seu livro *Equal is Unfair* [“Igualdade é Injusta”].⁷²

E, a propósito, até Marx criticou outros socialistas que defendiam uma “repartição justa”. Para ele, era “em geral erróneo fazer da chamada

repartição algo de essencial e pôr nela o principal acento.”⁷³ De acordo com Marx, a repartição ou distribuição numa sociedade que assenta na propriedade privada é, em tais circunstâncias, “a única repartição ‘justa’ na base do modo de produção atual”⁷⁴. “Se as condições materiais [*sachliche*] da produção forem propriedade cooperativa dos próprios trabalhadores, segue-se, do mesmo modo, uma repartição dos meios de consumo diversa da atual.” Por outro lado, os socialistas vulgares, como Marx se lhes referia, consideram a distribuição como independente do modo de produção e, portanto, apresentam o socialismo como se fosse principalmente uma questão de distribuição.⁷⁵

Para além desta questão, os igualitários dão como garantido que mais igualdade torna as pessoas automaticamente mais felizes. Mas será que é mesmo assim? Os sociólogos americanos Jonathan Kelley e Mariah D. R. Evans, do International Survey Center, em Reno, no Nevada, exploraram esta questão num estudo em grande escala, a partir de uma base de dados que incluía 169 amostras representativas de 68 nações, nas quais foram inquiridas 211.578 pessoas.

Por um lado, o estudo baseou-se em perguntas desenvolvidas pela chamada “investigação da felicidade”. Aos inquiridos foram colocadas questões como, por exemplo: “Considerando todos os aspetos, até que ponto está satisfeito com a vida que atualmente leva em geral?” e pedia-se-lhes que classificassem a sua satisfação numa escala de 1 (insatisfeito) a 10 (satisfeito). Era-lhes ainda perguntado: “Tudo considerado, diria que é: Muito feliz, feliz, pouco feliz ou nada feliz?”⁷⁶

Os dados destes inquéritos foram analisados em conjunto com os da desigualdade de rendimentos em cada um dos países onde decorreram. A base para medir a desigualdade de rendimentos é o chamado coeficiente de Gini. O coeficiente de Gini, desenvolvido pelo estatístico italiano Corrado Gini, mede a percentagem de rendimentos auferidos por diferentes grupos da população e a igualdade da sua distribuição na sociedade. É zero se a distribuição for igualitária, e um se apenas uma pessoa receber todos os rendimentos e, portanto, existir a maior desigualdade possível.

Metodologicamente falando, o estudo de Kelley e Evans foi altamente sofisticado, porque os investigadores mantiveram constantes nos seus cálculos todos os outros fatores que também têm influência na felicidade (idade, estado civil, educação, rendimento, género, PIB *per capita*, etc.).

“Por exemplo, comparamos alguém que vive em Israel com uma pessoa em tudo idêntica, que auferir o mesmo rendimento, mas que vive na Finlândia, sendo que as duas nações têm o mesmo PIB *per capita*, mas diferem acentuadamente quanto à desigualdade (0,36 versus 0,26).”⁷⁷

Além disso, os investigadores também diferenciaram entre as sociedades avançadas (principalmente os Estados Unidos e países da Europa), por um lado, e as sociedades em desenvolvimento (principalmente em África e na Ásia), por outro. Apenas os antigos países comunistas não foram incluídos neste estudo, uma vez que aí se aplicam relações diferentes (que os investigadores analisaram num estudo à parte).

As conclusões do estudo são claras: não é, como os anticapitalistas nos querem fazer crer, que mais desigualdade corresponda a menos felicidade, mas precisamente o contrário – mais desigualdade significa que as pessoas são mais felizes: “Em geral, juntando os inquiridos nos países em desenvolvimento com os dos países avançados, e desconsiderando as importantes diferenças existentes entre eles, mais desigualdade está associada a *maior* bem-estar.”⁷⁸

Mas, analisando em maior detalhe, surgem diferenças claras: Nas sociedades *em desenvolvimento*, existiu uma correlação estatisticamente clara entre felicidade e desigualdade – mais desigualdade significou maior felicidade. A explicação dos cientistas é o “fator esperança”: As pessoas nos países em desenvolvimento veem frequentemente a desigualdade como um incentivo para melhorar a sua própria condição, através, por exemplo, de uma melhor educação. Alguns grupos da sociedade conseguem por esta via subir no elevador social e ganhar mais, o que, por sua vez, estimula os restantes.

Nos países *desenvolvidos*, pelo contrário, esta correlação não se verifica. Mas, mesmo aqui, maior desigualdade não significou menor felicidade; pelo contrário, ficou claro que haver mais ou menos igualdade em determinado país em nada influencia a felicidade. Por exemplo, não há praticamente nenhuma diferença na perceção de felicidade entre as pessoas da Suécia e dos Países Baixos, por um lado, e as de Singapura e Taiwan, por outro, embora a igualdade (medida pelo coeficiente de Gini) seja muito maior na Suécia e nos Países Baixos do que em Taiwan e Singapura.⁷⁹

Claro que é difícil medir objetivamente níveis de felicidade e bem-estar, sobretudo por existirem muitas diferenças culturais entre países,

as quais influenciam a forma como as pessoas respondem às questões acima referidas. Mas, por outro lado, a suposição autoevidente de que maior igualdade conduz a maior felicidade é simplesmente um dos muitos infundados preconceitos anticapitalistas. Porque é que o tema da desigualdade está carregado de tantas emoções?

Os críticos dos defensores da igualdade citam frequentemente a inveja como uma causa, mas os igualitários, indignados, repudiam tal ideia. A inveja é a emoção mais comumente negada, reprimida e “mascarada”. Quando a inveja se torna reconhecível como tal, ou é abertamente comunicada, a pessoa invejosa invalida automaticamente as suas intenções. O antropólogo George M. Foster pergunta porque é que as pessoas são capazes de admitir sentimentos de culpa, vergonha, orgulho, ganância, e até raiva sem perda de autoestima, mas é-lhes quase impossível admitir sentimentos de inveja. Ele avança esta explicação: qualquer pessoa que assume perante si própria e perante os outros que tem inveja, está também a admitir que se sente inferior. É precisamente por isso que é tão difícil reconhecer e aceitar a sua própria inveja. “Ao reconhecer inveja em si própria, uma pessoa está a reconhecer inferioridade *em relação a outra*; compara-se a outra pessoa e acha-se pior. É, penso eu, esta admissão implícita de inferioridade, e não a admissão da inveja, que nos é tão difícil de aceitar.”⁸⁰

Foster cita o psicólogo americano Harry Stack Sullivan e levanta uma questão que é fundamental para encontrar as raízes da inveja provocada pelos ricos. A inveja começa quando uma pessoa reconhece que outra pessoa tem algo que ela também gostaria de ter. Este reconhecimento leva necessariamente à pergunta “Porque é que eu não tenho? Porque é que eles conseguiram o que eu não consegui?” Esta perspetiva explica porque é que a maioria das pessoas não está disposta a admitir que tem inveja: “A inveja não é agradável porque qualquer maneira de a formular – qualquer processo implícito a ela associado – tem necessariamente o seu começo na ideia de que precisamos de algo, alguma coisa material que, infelizmente, outra pessoa tem. Isto leva facilmente à pergunta: Porque é que não a tenho? E isso é, em si mesmo, o suficiente para, em alguns casos, provocar insegurança, pois, aparentemente, o outro indivíduo é melhor do que nós a conseguir esses bens de segurança materiais, o que nos inferioriza ainda mais.”⁸¹

É claro que os críticos da “desigualdade social” negam a pés juntos serem, seja de que modo for, motivados pela inveja. No seu livro *Reichtum als moralisches Problem* [“A Riqueza enquanto Problema Moral”], o filósofo alemão Christian Neuhäuser escreve: “Penso que muitos fenómenos que podem parecer inveja podem, na verdade, ser entendidos como sentimentos de justiça ofendidos.”⁸² Ao mesmo tempo, Neuhäuser é, ele próprio, um excelente exemplo do facto de aquilo a que ele chama “sentimentos de justiça” serem sentimentos de inveja: aquilo que, acima de tudo e de um modo explícito, mais preocupa Neuhäuser não é o destino dos pobres, não é melhorar a sua situação, mas sim tirar aos ricos a sua riqueza.

É por isso que se opõe a uma atitude que apenas tenha em mente “uma sociedade em que os mais pobres têm mais bens” e *critica* explicitamente a crença de que uma sociedade onde os mais pobres possam receber 15.000 euros anuais, mas em que as outras pessoas são milionárias, é melhor do que uma sociedade em que os mais pobres recebem apenas 12.000, mas todos os outros recebem apenas um pouco mais.⁸³ Ele preferiria uma sociedade em que os mais pobres tivessem menos, mas o fosso entre eles e os ricos fosse relativamente pequeno, a uma sociedade onde os mais pobres estão melhor e, portanto, menos pobres, mas o fosso entre eles e os ricos vai aumentando.

Levando este argumento à sua conclusão lógica, qualquer pessoa que aceite a linha de pensamento de Neuhäuser terá de aprovar as condições da China do tempo de Mao, quando milhões de pessoas passavam fome e viviam numa pobreza abjeta. Isto porque, nessa altura, a desigualdade na China era mais baixa do que a de hoje, onde há milionários e multimilionários – mas ao mesmo tempo centenas de milhões ascendem da pobreza para a classe média. O coeficiente de Gini, que mede a desigualdade de rendimentos, era de 0,31 quando Mao morreu em 1976 – um valor de sonho do ponto de vista de todos os igualitários. Nas cidades, chegava a 0,16 (mas era mais alto no campo). Com a introdução da propriedade privada e da economia de mercado, o coeficiente de Gini na China mais do que duplicou nos 20 anos seguintes, passando de 0,23 para 0,51.⁸⁴

Neuhäuser acredita ser necessário *proibir* a riqueza, se uma parte da sociedade enriquecer mais depressa do que as restantes, porque isso representa um aumento da “pobreza relativa”.⁸⁵ O problema da pobreza relativa também se pode resolver se, em vez de melhorarmos a situação

dos pobres, simplesmente retirarmos uma parte da riqueza aos ricos. Na opinião de Neuhäuser, um tal “nivelamento por baixo” poderia ter um impacto muito positivo.⁸⁶ Mesmo sem aliviar a pobreza dos pobres, muito se poderia ganhar com o simples facto de tirar alguma coisa aos ricos. E prossegue afirmando que beneficiaria a sociedade de uma forma “substancial se os ricos fossem menos ricos, pois isso daria mais espaço de ação às pessoas pobres, permitindo-lhes verem-se a si próprias em pé de igualdade na sociedade.”⁸⁷ É bastante errado afirmar, escreve ele, “que não haveria qualquer vantagem, mas apenas prejuízo, em os ricos serem menos ricos. Tal teria um impacto positivo na dignidade dos pobres.”⁸⁸

Neuhäuser admite abertamente que a sua principal preocupação não é ajudar os pobres, mas sim abolir o que vê como o problema moral da riqueza, embora Neuhäuser não queira, naturalmente, ser acusado de ser uma pessoa invejosa. No entanto, a sua opinião enquadra-se precisamente na definição clássica de inveja: a pessoa invejosa não é primordialmente motivada por um desejo de melhorar a sua própria situação ou a dos que estão pior, mas procura agravar a situação daqueles que inveja (neste caso: os ricos).

Eu, pelo contrário, sou de opinião que um aumento da desigualdade social não é de modo algum digno de crítica se for acompanhado por uma redução da pobreza. O Prémio Nobel da Economia Angus Deaton vai ao ponto de dizer que o progresso é sempre acompanhado por desigualdade. Os frutos do progresso raramente foram equitativamente distribuídos ao longo da história.⁸⁹ Entre 1550 e 1750, a esperança de vida das famílias ducais inglesas era comparável à da população em geral, possivelmente até ligeiramente inferior.⁹⁰ Após 1750, a esperança de vida da aristocracia aumentou bastante em comparação com a da população em geral, criando-se uma diferença que era de quase 20 anos em 1850. Com o início da Revolução Industrial no século XVIII e o início gradual de uma ordem social hoje chamada capitalismo ou economia de mercado, a esperança de vida também aumentou para a população em geral de 40 anos em 1850 para 45 em 1900 e quase 70 anos em 1950.⁹¹ “Um mundo melhor promove um mundo de diferenças; as evasões promovem a desigualdade”, observa Deaton.⁹²

Há muitos relatos antigos da situação miserável do proletariado industrial criada pelo surgimento da industrialização, que sabemos agora serem falsos. Ficou célebre, por exemplo, a obra de Friedrich Engels,

A *Situação da Classe Trabalhadora*, já mencionada no capítulo anterior, onde o autor faz um relato emocionado das condições da classe trabalhadora. Embora, como já vimos, glorifique as condições de vida dos trabalhadores antes do início da Revolução Industrial, pinta um quadro das condições de vida da classe trabalhadora naquela época que não se baseava nem em investigação sociológica *in loco* nem em análise estatística e que era mais polémico do que científico. Sabemos hoje, por meio de análises empíricas precisas, que a situação da classe operária em Inglaterra melhorou consideravelmente entre 1781 e 1851. Numa análise publicada em 1983, os historiadores de economia Peter H. Lindert e Jeffrey G. Williamson calcularam que os “ganhos em nível de vida” para os operários, nestes anos, atingiram 86%. Ao mesmo tempo, porém, os investigadores observam que era evidente uma crescente desigualdade social ao longo deste período.⁹³ Isto é, mesmo durante esta fase inicial do capitalismo em Inglaterra, o aumento do nível de vida das pessoas comuns e o aumento da desigualdade andaram de mãos dadas.

Portanto, é sempre uma questão de saber qual o aspeto que se considera mais importante: a diminuição da pobreza e o aumento do nível de vida da maioria das pessoas numa sociedade, ou o aumento da desigualdade?

A esperança de alguns de que, à medida que a igualdade aumente, a insatisfação para com a “injustiça social” irá diminuindo não se encontra, a meu ver, bem fundamentada. Por exemplo, nas últimas décadas a igualdade de género na maioria dos países ocidentais tem aumentado tanto como a insatisfação sobre as desigualdades remanescentes. E, na Alemanha de hoje, as despesas do Estado Social totalizam um bilião de euros por ano. Em percentagem do produto interno bruto da Alemanha, a despesa pública com programas sociais aumentou de 18,3% (1960) para 24,1% (1990) e para mais de 30% na atualidade.⁹⁴ No entanto, as queixas dos meios de comunicação social e dos políticos alemães sobre os níveis ultrajantes de injustiça social são cada vez mais estridentes.

O forte impacto que o tema da desigualdade e o “fosso entre ricos e pobres” tem nos *media* – e não só – foi demonstrado pelo notável sucesso do livro *O Capital no século XXI* do economista francês Thomas Piketty, publicado em 2013. O livro recebeu uma resposta invulgarmente entusiástica dos meios de comunicação social e tornou-se um *best-seller* mundial. Piketty critica o facto de hoje – pelo menos a seu ver – “a

distribuição da riqueza” já não se encontrar no centro da ciência económica e das ciências sociais. “É mais que tempo de repor a questão das desigualdades no centro da análise económica”, escreve ele.⁹⁵

Entretanto, os dados usados por Piketty e os graves erros metodológicos na abordagem que adotou têm sido amplamente criticados⁹⁶ e ele foi forçado a recuar na sua tese principal.⁹⁷ Piketty afirmou ter encontrado uma fórmula mágica segundo a qual o capital dos ricos cresce mais rapidamente do que a economia, o que inevitavelmente aumenta a desigualdade. Piketty parece ter-se deixado influenciar pelas exageradas afirmações de alguns gestores de fundos sobre o desempenho dos seus veículos de investimento. E, mais importante ainda, ignora completamente o facto de os ricos de hoje serem pessoas muito diferentes dos ricos de há 10, 20, ou 30 anos atrás – veremos abaixo que confundir categorias estatísticas e pessoas reais é um erro constantemente cometido no debate sobre a desigualdade. Uma rápida vista d’olhos à lista das pessoas mais ricas do mundo há 20 anos atrás revela que elas não se encontram hoje no escalão de topo dos super-ricos.

Ao contrário daquilo em que Piketty aparentemente acredita, a maioria das pessoas super-ricas não são “rentistas”, cuja riqueza aumenta fabulosa e “passivamente” graças a engenhosos investimentos financeiros, mas sim empresários que subiram a pulso e cuja riqueza consiste predominantemente na empresa que ajudaram a construir. E isto é ainda mais verdade hoje do que no passado, como demonstra uma análise da *Forbes*: em 1984, menos de metade dos que constavam da lista *Forbes 400* dos americanos mais ricos eram empreendedores que tinham construído a sua própria fortuna [*self-made men*]. Em 2020, o número era de 69,5%. Esta análise baseia-se num sistema de pontuação que atribui 1 a 10 pontos a cada um dos 400 americanos mais ricos, consoante a forma como se tornaram ricos. Uma pontuação de 1 significa que uma pessoa herdou tudo e não fez nada para aumentar a sua riqueza. Um 10 é atribuído a quem se tenha erguido de origens humildes e superado todos os obstáculos para construir a sua riqueza e tornar-se um multimilionário. Os indivíduos que pontuam entre 6 e 10 entram na categoria dos *self-made*.⁹⁸

De acordo com o *Wealth X Report* de 2019, dos 2604 multimilionários existentes no mundo, 56% tinham construído eles próprios as suas fortunas, 31% tinham construído em parte as suas fortunas, e apenas

13% se tinham limitado a herdar a sua riqueza. Entre os IPLUs (Indivíduos com Património Líquido Ultraelevado, nomeadamente aqueles com um património líquido de pelo menos 30 milhões de dólares), a proporção de fortunas que foram criadas pelos seus detentores foi ainda mais elevada, 68%. Vinte e quatro por cento dos IPLUs construíram em parte as suas fortunas e apenas oito por cento herdaram toda a sua riqueza.⁹⁹

A importância da herança é sobrestimada porque, na realidade, a maioria dos herdeiros são incapazes de preservar os seus ativos, quanto mais de os aumentar. A este respeito, não só é errado afirmar que “os pobres estão cada vez mais pobres” – como demonstrado no capítulo anterior – como é igualmente falso afirmar que “os ricos estão cada vez mais ricos”. Esse não é normalmente o caso das pessoas que herdam a sua riqueza. Em 1901, o escritor alemão Thomas Mann publicou um dos seus romances mais célebres, *Os Buddenbrook: O Declínio de uma Família*, que conta a história de como uma rica família de negociantes, os Buddenbrook, esbanjou lenta, mas empenhadamente, a sua fortuna ao longo de quatro gerações. Como tão frequentemente acontece, a realidade espelha a ficção, e isso mesmo demonstram os cientistas Robert Arnott, William Bernstein e Lillian Wu no seu artigo de investigação, “The Myth of Dynastic Wealth: The Rich Get Poorer” [“O Mito da Riqueza Dinástica: Os Ricos Empobrecem”]. Colocam a seguinte questão: “Que é feito dos atuais descendentes dos hiper-ricos das dinastias empresariais do passado – os Astor, os Vanderbilt, os Carnegie, os Rockefeller, os Mellon, e os Getty?... Os criadores de grandes fortunas são génios de um num milhão... Em contraste, são muitíssimo poucos os descendentes dos hiper-ricos que possuem essa rara genialidade... Descobrimos que, normalmente, os descendentes reduzem para metade a sua riqueza herdada – em relação ao crescimento do PIB *per capita* – a cada 20 anos ou menos... Nos dias de hoje, as grandes fortunas do século XIX estão em grande parte esgotadas e quase todas as fortunas geradas há apenas meio século atrás também desapareceram.”¹⁰⁰

Voltando a Piketty: Ele não afirma que o capitalismo *per se* conduz sempre ao aumento da desigualdade. Pelo contrário, durante a maior parte do século XX, de acordo com Piketty, as coisas correram de modo diferente – a desigualdade social diminuiu. Só nos anos 1990 a 2010 é que a desigualdade aumentou, embora ele admita que “não é certo que

as desigualdades patrimoniais consideradas no seu conjunto [estejam a aumentar] verdadeiramente no plano mundial.”¹⁰¹

Para começar, a tese do aumento da desigualdade não é verdadeira à escala global – e não será o mundo um plano geográfico de análise mais relevante do que um único país? A nível mundial, a desigualdade não aumentou nos últimos anos; diminuiu significativamente, como demonstra o investigador canadiano-americano Steven Pinker.¹⁰² Os anos que são particularmente maus do ponto de vista de Piketty foram de facto os melhores para centenas de milhões de pessoas em todo o mundo. Na sua crítica a Piketty, o economista francês Jean-Philippe Delsol salienta que, nos 20 anos em que Piketty afirma ter a desigualdade aumentado (1990 a 2010), 700 milhões de pessoas foram retiradas da pobreza extrema.¹⁰³

Mas Piketty, e outros críticos da desigualdade, aparentemente não se importam muito com o destino de centenas de milhões de pessoas nos países em desenvolvimento. As suas críticas visam principal ou exclusivamente a evolução da desigualdade em países capitalistas desenvolvidos, como os Estados Unidos da América.

Como acima referido, outros estudiosos analisaram os números de Piketty relativos à evolução da desigualdade nos Estados Unidos e, em muitos casos, deram-nos como incorretos ou imprecisos. De acordo com os dados que Piketty e os economistas Emmanuel Saez e Gabriel Zucman apresentam na Base de Dados Mundial da Desigualdade, a percentagem do rendimento norte-americano obtida pelo 1% dos americanos mais ricos aumentou de 10% para 15,6% entre 1960 e 2015. Os economistas norte-americanos Gerald Auten e David Splinter mostraram que estes dados estão enviesados por excesso e que, na verdade, a percentagem do rendimento norte-americano obtida pelos 1% mais ricos aumentou mais moderadamente, de 7,9% para 8,5% entre 1960 e 2015. O mesmo se diga para a parte da riqueza dos EUA detida pelos 1% mais ricos, que Piketty e colegas afirmam ter aumentado de 22,5% para 38,6% entre 1980 e 2014. De acordo com os cálculos de Matthew Smith, Owen Zidar e Eric Zwick, no entanto, o aumento cifrou-se entre os 21,2% e os 28,7% durante este período.¹⁰⁴

E isto nem sequer tem em conta o facto de os dados sobre a riqueza excluïrem o valor presente dos planos de pensões de benefício definido e dos programas de segurança social, o que distorce a comparação em

desfavor das camadas mais pobres da população.¹⁰⁵ Ao calcular o valor dos ativos, é também importante lembrar que estes dependem, acima de tudo, do quanto os preços das casas subiram em relação aos preços das ações. Quando os preços das ações crescem muito mais depressa do que os preços das casas (o Dow Jones subiu de 8772 pontos no início de 2009 para 36 338 no final de 2021), as pessoas ricas beneficiam mais porque detêm uma maior percentagem de títulos do que as pessoas menos ricas.

O economista Thomas Sowell mostra que muitas “estatísticas” sobre o aumento da desigualdade são enganadoras, quanto mais não seja por não conseguirem distinguir entre a evolução das categorias estatísticas ao longo do tempo e o que tem acontecido aos seres humanos reais, os de carne e osso.¹⁰⁶ Se se diz, por exemplo, que o rendimento ou a riqueza do *top* 1%, ou mesmo das 100 pessoas mais ricas de um país, aumentou x por cento na última década, isso refere-se a uma categoria estatística, mas não ao rendimento ou à riqueza de indivíduos específicos. Há dez anos, o *top* 1% integrava gente completamente diferente da que hoje o integra. O mesmo se diga, por exemplo, quando se referem os 10% mais pobres, que terão perdido x por cento. Mais uma vez, isso refere-se a uma categoria estatística, não a indivíduos específicos. Dos que pertenciam aos 10% mais pobres há dez anos, muitos passaram, entretanto, para um escalão de rendimento mais elevado – já não pertencem aos 10% mais pobres porque, por exemplo, adquiriram mais competências e experiência e recebem mais, acumularam ativos ou têm um emprego diferente. Aquelas afirmações assentam, quase sempre, na confusão entre o que tem vindo a acontecer ao longo do tempo nas categorias estatísticas e o que tem vindo a acontecer ao longo do tempo com as pessoas de carne e osso.¹⁰⁷ Muitos dos estudos sobre riqueza são metodologicamente frágeis, porque lhes falta o “elemento dinâmico”: a movimentação entre grupos de rendimento ou riqueza ao longo do tempo, também chamada mobilidade social (falarei mais adiante sobre isto). Faz uma grande diferença – económica, ética e moral – saber se o grupo dos 10% da população que menos rendimentos auferiu no país X na década 1 ainda inclui as mesmas pessoas na década 2, ou se este decil é na década 2 composto por pessoas completamente diferentes. O problema é que muitas das pessoas com grandes convicções acerca da desigualdade pouco ou nada percebem de estatística. Isso leva a uma exaustiva repetição de números extremamente imprecisos.

Damien Knight e Harry McCreddie demonstraram, no seu estudo de 2019, “Understanding the ‘Facts’ About Top Pay” [“Compreender os ‘Factos’ sobre os Mais Bem Pagos”], que muitas das estatísticas publicadas na comunicação social sobre a inflação da remuneração dos administradores ou sobre a evolução da relação entre a remuneração dos administradores e a dos empregados comuns são extremamente defeituosas, porque quem faz estes cálculos carece muitas vezes da mais elementar compreensão de metodologias matemáticas ou estatísticas. Por exemplo, médias e medianas são frequentemente confundidas, ou não é feita qualquer distinção entre os prémios de desempenho atribuídos e os efetivamente pagos, e assim por diante. Tomando o Reino Unido como exemplo, os autores explicam como é que um aumento real dos salários dos administradores de 6% num determinado período se torna rapidamente um aumento de 23% na comunicação social, ou um aumento de 2% se torna um aumento de 49%.¹⁰⁸

Eis o que concluem: “Somos da opinião de que investigações e análises de fraca qualidade têm provocado mais dano à coesão social do que o que as próprias empresas possam ter provocado ao pagarem salários elevados aos seus gestores de topo.”¹⁰⁹ Segundo os autores, a parte das compensações pagas aos gestores de topo nas empresas do FTSE-100 do Reino Unido representou, enquanto percentagem do rendimento absoluto dos acionistas, apenas 0,19% no quartil inferior, 0,40% na mediana e 0,67% no quartil superior.¹¹⁰

Assim, os números sobre o aumento da desigualdade nos EUA e noutros países são frequentemente exagerados, mas isso não altera o facto de a desigualdade estar a aumentar em muitos países. Walter Scheidel mostra que a desigualdade aumentou na Grã-Bretanha a partir de 1973, nos EUA a partir de 1976, e depois em muitos outros países. Numa amostra de 26 países, as parcelas dos rendimentos de topo cresceram 50% entre 1980 e 2010, enquanto a desigualdade dos rendimentos de mercado aumentou 6,5 pontos Gini, aumento este que apenas parcialmente foi compensado pela redistribuição.¹¹¹ Em 11 dos 21 países para os quais Scheidel analisou dados sobre as parcelas dos rendimentos dos grupos de topo, a parcela de todos os rendimentos obtida pelos grupos de topo aumentou, de 1980 a 2010, entre 50% e 100%.¹¹²

Algumas explicações para esta tendência são mais banais de que o que se poderia esperar. Scheidel mostra, por exemplo, que o “acasalamento

seletivo” (ou seja, a crescente similaridade económica dos parceiros matrimoniais) alargou as disparidades entre os agregados familiares e terá sido responsável por cerca de 25% a 30% do aumento global da desigualdade dos rendimentos americanos entre 1967 e 2005.¹¹³

O economista germano-britânico Kristian Niemietz refere-se ao progresso tecnológico como um dos “principais motores do aumento da desigualdade”: nas economias ou setores económicos de alta tecnologia, o diferencial salarial é maior do que nas economias ou setores tecnologicamente menos apetrechados. “Uma forma concebível, mas que dificilmente gozaria de muita popularidade, de contrariar o diferencial salarial seria, portanto, erguer obstáculos adicionais ao progresso tecnológico.”¹¹⁴

Outras causas da desigualdade de riqueza podem ser encontradas onde quase ninguém suspeitaria que estivessem, nomeadamente na expansão do Estado Social. Chris Edwards do Cato Institute dos Estados Unidos e Ryan Bourne do Institute for Economic Affairs do Reino Unido mostram que os aumentos na providência social levam a que as pessoas poupem menos, ou seja, a que acumulem menos ativos para a sua própria reforma. E isto por duas razões: por um lado, os impostos e as contribuições para a segurança social deixam-nas com menos recursos, tornando mais difíceis as poupanças pessoais; mas, por outro lado, à medida que o Estado Social se expande, as pessoas apoiam-se cada vez mais no Estado para as sustentar em tempos de necessidade e quando se reformam. Os esquemas públicos de reforma, saúde e outros benefícios reduziram os incentivos e a capacidade das famílias não ricas acumularem poupanças, o que, por sua vez, contribuiu para aumentar a desigualdade de riqueza.¹¹⁵

Outra razão para o aumento da desigualdade nos países desenvolvidos é a globalização. Por um lado, a globalização e a digitalização estão a criar oportunidades de carreira para os mais qualificados; mas, por outro lado, os trabalhadores indiferenciados enfrentam a concorrência de robôs ou de trabalhadores na China e noutros países emergentes.

Estas pessoas são muitas vezes chamadas “vítimas da globalização”, e, no que respeita ao crescimento do seu rendimento, isso é verdade. Pinker assinala, contudo, que as coisas parecem bem diferentes se definirmos pobreza não em termos dos rendimentos das pessoas, mas em termos do seu consumo. Com esta abordagem, diz ele, a taxa de pobreza nos EUA diminuiu em 90% desde 1960, de 30% da população para

apenas 3%. “... a globalização pode produzir vencedores e derrotados no que concerne ao rendimento, mas torna quase todos vencedores relativamente ao consumo.”¹¹⁶

Isto torna-se claro quando se atenta no número de horas que um americano teve de trabalhar para poder comprar certos produtos: em 1973, trabalhava mais de 100 horas para poder comprar uma televisão a cores, 30 anos mais tarde bastavam 21 horas. Em 1973, trabalhava 72 horas para poder comprar uma máquina de lavar; três décadas mais tarde, trabalhava 23 horas. Don Watkins e Yaron Brook indicam 11 aparelhos domésticos para os quais um americano tinha de trabalhar um total de 575 horas em 1973 – em 2013 bastavam 170 horas.¹¹⁷ E isto nem sequer tem em conta que a qualidade dos produtos melhorou consideravelmente durante o mesmo período: a qualidade de uma televisão a cores em 1973 era incomparavelmente inferior à de uma televisão a cores em 2013, e as máquinas de lavar gastavam muito mais eletricidade e água do que atualmente.

Em especial, as famílias com rendimentos mais baixos beneficiam desproporcionalmente, enquanto consumidoras, da liberalização e da concorrência. Na Europa, por exemplo, as indústrias das telecomunicações e da aviação foram desregulamentadas e privatizadas. Daí resultou mais concorrência, que tornou os telefonemas e os voos muito mais baratos e acessíveis, mesmo para quem auferia baixos rendimentos. Quando eu era jovem, as viagens aéreas eram tão caras que, para muita gente, o máximo que se podia permitir eram umas férias no estrangeiro de anos a anos. Voei pela primeira vez quando tinha 30 anos, e apenas porque uma instituição pública pagou a minha passagem aérea para que eu pudesse dar uma palestra científica nos Estados Unidos. Já as chamadas de longa distância (isto é, feitas para fora da sua própria cidade) tinham de ser rápidas, pois caso contrário ficavam demasiado caras. Atualmente, as pessoas têm voos para outros países por menos de 100 euros, em alguns casos, e as chamadas telefónicas custam apenas uma pequena fração daquilo que custavam – e isso deve-se a mais capitalismo nestas áreas.

Os próprios críticos da globalização acabam por confirmar esta evolução – mas, surpreendentemente, dão-lhe um pendor negativo. Um exemplo é o do investigador de consumo Carl Tillessen, que cita os seguintes números para a Alemanha: no início dos anos 70, o vestuário era

ainda tão caro que as pessoas tinham de gastar 10% do seu rendimento disponível num conjunto decente de vestuário.¹¹⁸ Mas graças à deslocalização da produção para países de baixos salários, podemos agora pagar cinco vezes aquela quantidade de vestuário com menos de 5% do nosso rendimento disponível, ou seja, com menos de metade da despesa.¹¹⁹

Leio estes números da seguinte maneira: no que respeita ao consumo, somos quase todos vencedores na globalização, porque hoje conseguimos obter com o nosso dinheiro muito mais coisas do que anteriormente. Tillesen, que é crítico do consumismo (ver Capítulo 8), lê os números de forma bastante diferente. Para ele, são provas de um desenvolvimento negativo, nomeadamente de estarmos a comprar cada vez mais coisas de que realmente não precisamos – e, supostamente, apenas porque um enorme grupo de pessoas está a ser mantido em escravatura; os ricos estão cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres,¹²⁰ e “surgiu uma idade das trevas” para as pessoas nos países mais pobres devido à globalização.¹²¹ Os anticapitalistas também criticam o que materialmente se traduz em desenvolvimentos claramente benéficos, como seja o facto de a maioria das pessoas no mundo contarem como vencedores na globalização quando a medida é o seu nível de consumo.

Então, porque é que há tantas pessoas tão insatisfeitas? Ouvimos repetidamente que o elevador social já não funciona como deve ser, que a promessa de progresso, a promessa de que as gerações futuras teriam uma vida melhor do que as de hoje, não se está a cumprir. Contudo, desigualdade e mobilidade social são duas questões diferentes. O aumento da desigualdade pode muito bem estar associado ao aumento da mobilidade social. Na Alemanha, arreigou-se a opinião de que o elevador social costumava funcionar, mas que agora está avariado. Os números contradizem esta tese. No 6.º Relatório sobre Pobreza e Riqueza (2021) do Governo Alemão, consta: “Em termos de estatuto profissional, as pessoas continuam a progredir mais do que no tempo dos seus pais; ter o mesmo ou até um estatuto inferior ao do pai é cada vez menos comum.”¹²²

Ainda assim, a situação não deve ser menosprezada. O argumento deve ser levado a sério, porque, se as pessoas têm a sensação de que o esforço e a iniciativa pessoais já não valem a pena, e que o caminho para o progresso social se encontra bloqueado para elas ou para os seus filhos, isso alimenta a insatisfação. As perspetivas de progresso podiam

efetivamente ser melhores; a percepção de não ser esse o caso é razão para críticas justificadas por parte de muitas pessoas nos países ocidentais. Porém, se o progresso social não é hoje tão fácil em países como os EUA, tal não se deve ao capitalismo, mas sim ao Estado.

A primeira razão é o facto de os sistemas educativos serem fracos em muitos países ocidentais. Entre os dez primeiros no *ranking* PISA estão numerosos países asiáticos como a China, Singapura, Taiwan e a Coreia do Sul, enquanto países como a Alemanha e os EUA já lá não têm lugar.¹²³ O fracasso do Estado no setor da educação não é, no entanto, o único obstáculo ao progresso. Por muito importante que seja a educação, ela é apenas um caminho possível para ascender socialmente e ganhar mais. Outro caminho é o trabalho por conta própria e o empreendedorismo. Mas também aqui as coisas parecem sombrias para países como a Alemanha e os EUA, onde a crescente burocracia governamental e os impostos se atravessam no caminho das empresas que se querem lançar. É absurdo que, na classificação dos países em que é mais fácil criar uma empresa, os Estados Unidos só surjam em 11.º lugar e a Alemanha em 25.º. Os primeiros cinco lugares são todos ocupados por países asiáticos.¹²⁴

O Estado Social nos países ocidentais está a castrar as pessoas da sua responsabilidade individual. Os americanos costumavam ver-se como senhores do seu próprio destino, mas, nas últimas décadas, muitos deles – tal como na Europa – desenvolveram uma atitude de expectativa relativamente ao Estado, o qual agora veem como responsável por garantir o seu bem-estar. Isso paralisa a iniciativa individual. E, politicamente, leva ao reforço das correntes que dizem às pessoas que outros países – como a China – são os culpados da sua situação. A isto chama-se mentalidade de vitimização. O jornalista Charles Sykes lamentou este desenvolvimento nos Estados Unidos há cerca de 30 anos.

Em muitos países, o Estado é demasiado forte onde deveria ser fraco – ou seja, na área da economia. E é muito fraco onde deveria ser forte. Na educação, muitos países deveriam seguir o exemplo da Coreia do Sul, onde não só os gastos do Estado na educação são muito elevados, como as pessoas também investem somas significativas na sua própria educação. Quando os anticapitalistas culpam o capitalismo em vez do Estado pelo facto de a mobilidade ascendente muitas vezes já não funcionar como deveria, tal não encontra respaldo nos factos.

Outra questão que muito raramente é colocada: Qual seria o preço de eliminar a desigualdade? Em 2017, o famoso historiador e estudioso da história da antiguidade, Walter Scheidel, de Stanford, apresentou uma impressionante análise histórica desta questão no seu livro *A Violência e a História da Desigualdade. Da Idade da Pedra ao Século XXI*, onde conclui que: “Tanto quanto sabemos, os ambientes que escaparam aos grandes choques violentos e às suas repercussões mais amplas quase nunca assistiram a grandes reduções da desigualdade.”¹²⁵

Reduções substanciais da desigualdade só foram alcançadas em resultado de choques violentos, consistindo sobretudo em:

- Guerras;
- Revoluções;
- Falhas do Estado e colapso dos sistemas;
- Pestes.

Segundo Scheidel, os maiores niveladores do século XX não incluíram reformas sociais pacíficas, mas sim as duas guerras mundiais e as revoluções comunistas. No Capítulo 9, mostrarei como as duas guerras mundiais reduziram a desigualdade; no Capítulo 11, veremos como as revoluções comunistas – por exemplo, na Rússia, na China e no Camboja – levaram à redução da desigualdade.

O preço da redução da desigualdade tem, portanto, incluído choques e catástrofes violentas, cujas vítimas não têm sido apenas os ricos, mas milhões e milhões de pessoas que tiveram de pagar com a perda das suas vidas, da sua liberdade, do seu rendimento ou da sua propriedade. Nem as reformas agrárias pacíficas, nem crises económicas, nem a democratização tiveram um efeito de nivelamento tão grande em toda a história registada como aquelas violentas convulsões. “Se quisermos reequilibrar a atual distribuição dos rendimentos e da riqueza a favor de uma maior igualdade”, escreve Scheidel, “não podemos simplesmente ignorar os esforços que foram necessários no passado para alcançar esse objetivo. Temos de nos perguntar se a grande desigualdade alguma vez foi reduzida sem grande violência.”¹²⁶ A resposta de Scheidel a esta pergunta é um retumbante “Não”. Tal pode ser uma descoberta deprimente para muitos adeptos de ideias igualitárias.

No entanto, se mudarmos de perspetiva, e em vez de perguntarmos “Como reduzir a desigualdade?” perguntarmos “Como reduzir a pobreza?” – a questão colocada no capítulo anterior – aí sim, podemos dar

uma resposta otimista: não foram ruturas violentas como as que levaram à redução da desigualdade, mas sim mecanismos muito pacíficos, nomeadamente inovações e crescimento, desencadeados pelas forças do capitalismo, que conduziram às maiores diminuições da pobreza. Ou, dito de outra forma: os maiores “niveladores” da história têm sido acontecimentos violentos como guerras, revoluções, colapsos do Estado e dos sistemas, e pandemias, mas os maiores “redutores” da pobreza da história têm sido processos pacíficos.

BIBLIOGRAFIA

- Almond, Gabriel A. *The Appeals of Communism*. Princeton University Press, 1954.
- Altrichter, Helmut. *Kleine Geschichte der Sowjetunion 1917–1991*. Verlag C.H. Beck, 3.^a Edição, 2007.
- Aly, Götz. *O Estado Popular de Hitler*. Texto Editores, 2009. Versão inglesa: *Hitler's Beneficiaries. Plunder, Racial War, and the Nazi Welfare State*. Metropolitan Books, 2006.
- Andreä, Johann Valentin. “Christianopolis. An Ideal State of the Seventeenth Century” em Held, Felix Emil (tradutor), *Johann Valentin Andreae's Christianopolis. An Ideal State of the Seventeenth Century*. University of Illinois, 1914.
- Andrews, Nigel. *True Myths: The Life and Times of Arnold Schwarzenegger*. Bloomsbury, 2003.
- Antweiler, Werner, Brian R. Copeland, e M. Scott Taylor. “Is Free Trade Good for the Environment?” Working Paper 6707. National Bureau of Economic Research, Agosto 1998. <https://www.jstor.org/stable/2677817>
- Arendt, Hannah. *Sobre a Revolução*. Relógio d'Água, 2019.
- Arnott, Robert, William Bernstein, e Lillian Wu. “The Rich Get Poorer: The Myth of Dynastic Wealth”. *Cato Journal*, Vol. 35, n.º 3, Outono 2015.
- Aron, Raymond. *O Ópio dos Intelectuais*. Coimbra Editora, 1980.
- Aslund, Anders. *Russia's Crony Capitalism. The Path from Market Economy to Kleptocracy*. Yale University Press, 2019.
- Auer, Dirk, e Nicolas Petit. “Two Systems of Belief About Monopoly: The Press vs. Antitrust”. *Cato Journal*, Vol. 39, n.º 1 (Inverno 2019), 99–132. <https://www.cato.org/cato-journal/winter-2019/two-systems-belief-about-monopoly-press-vs-antitrust>.
- Ausubel, Jesse H. “The Return of Nature. How Technology Liberates the Environment”. *The Breakthrough Journal*. 12 de maio de 2015. <https://thebreakthrough.org/journal/issue-5/the-return-of-nature>.
- Baader, Roland. *Geld, Gold und Gottspieler. Am Vorabend der nächsten Wirtschaftskrise*. Resch Verlag, 2004.

- Baader, Roland. *Geldsozialismus. Die wirklichen Ursachen der neuen globalen Depression*. Resch Verlag, 2010.
- Baberowski, Jörg. *Der rote Terror. Die Geschichte des Stalinismus, Third Edition*. Fischer Taschenbuch, 2014.
- Baberowski, Jörg. *Scorched Earth: Stalin's Reign of Terror*. Yale University Press, 2016.
- Backhaus, Julien. *Ego. Gewinner sind gute Egoisten*. Finanzbuch Verlag, 2020.
- Banken, Ralf. *Hitlers Steuerstaat. Die Steuerpolitik im Dritten Reich*. De Gruyter, 2018.
- Barkai, Avraham. *Nazi Economics: Ideology, Theory, and Policy*. Yale University Press, 1990.
- Bartels, Larry M. *Unequal Democracy. The Political Economy of the New Gilded Age, Second Edition*. Russel Sage Foundation New York, Princeton University Press, 2016.
- Beinhocker, William Oliver. *The Origin of Wealth: Evolution, Complexity and Radical Remaking of Economics*. Harvard Business School Press, 2006.
- Beleites, Michael. *Dicke Luft: Zwischen Ruß und Revolte. Die unabhängige Umweltbewegung in der DDR*. Evangelische Verlagsanstalt, 2016.
- Benjamin, Walter. "Capitalism as Religion" em Mendieta, Eduardo (ed.) *The Frankfurt School on Religion. Key Writings by the Major Thinkers*. Routledge, 2005, 259–262.
- Bernstein, William J., e Grover Gardner. *The Birth of Plenty (Vol. 165)*. McGraw-Hill, 2004.
- Bierling, Stephan. *Geschichte des Irakkrieges. Der Sturz Saddams und Amerikas Albtraum im Mittleren Osten*, Verlag C.H. Beck, 2010.
- Biss, Eula. *Having and Being Had*. Riverhead Books, 2020.
- Boldt, Klaus. "Top-Manager Reitzle wirft Bundesregierung bei Corona-Politik Versagen vor". *Die Welt*, 3 de abril de 2021. <https://www.welt.de/wirtschaft/article229695277/Corona-Politik-Wolfgang-Reitzle-uebt-scharfe-Kritik-an-Bundesregierung.html>
- Bookstaber, Richard. *A Demon of Our Own Design: Markets, Hedge Funds, and the Perils of Financial Innovation*. John Wiley & Sons, 2007.
- Bourdieu, Pierre. *A Distinção: Uma Crítica Social da Faculdade do Juízo*. Edições 70, 2010.
- Bourne, Ryan. "Is This Time Different? Schumpeter, the Tech Giants, and Monopoly Fatalism". *Cato Institute, Policy Analysis*, n.º 872, 17 de junho de 2019.

- Braudel, Fernand. *Civilização Material, Economia e Capitalismo, Séculos XV-XVIII - 1.º Volume, As Estruturas do Quotidiano: o Possível e o Impossível*. Teorema, 1992.
- Braunthal, Julius. *History of the International. Volume 1: 1864–1914*. Frederick A. Praeger Publishers, 1967.
- Brecht, Bertolt. “Alfabet” (1934) em *The Collected Poems of Bertolt Brecht, translated by David Constantine and Tom Kubn*. Liveright, 2018.
- Briesen, Detlef. *Warenhaus, Massenkonsum und Sozialmoral. Zur Geschichte der Konsumkritik im 20. Jahrhundert*. Campus Verlag, 2001.
- Brook, Yaron, e Don Watkins. *Free Market Revolution. How Ayn Rand’s Ideas Can End Big Government*. Ayn Rand Institute, Palgrave Macmillan, 2012.
- Bukharine, Nikolai. *O Imperialismo e a Economia Mundial*. Centelha, 1976.
- Bundesstiftung zur Aufarbeitung der SED-Diktatur, Bericht 1990: <https://deutsche-einheit-1990.de/ministerien/muner/verschmutzung/>.
- Bultmann, Daniel. *Inside Cambodian Insurgency. A Sociological Perspective on Civil Wars and Conflict*. Taylor & Francis, 2016.
- Bultmann, Daniel. *Kambodscha unter den Roten Khmer. Die Erschaffung des perfekten Sozialisten*. Brill | Schöningh, 2017.
- Campanella, Tommaso. *A Cidade do Sol*. Guimarães Editora, 2018.
- Carey, John. *The Intellectuals and the Masses. Pride and Prejudice Among the Literary Intelligentsia, 1880–1939*. St. Martin’s Press, 1993.
- Chandler, David P. et al. *Pol Pot Plans the Future: Confidential Leadership Documents from Democratic Kampuchea, 1976–1977*. Yale University South East Asia Studies, 1988.
- Chang, Jung, e Jon Halliday. *Mao: A História Desconhecida*. Quetzal, 2013.
- Charles, Ray, e David Ritz. *Brother Ray. Ray Charles’ Own Story*. Da Capo Press, 2004.
- Chomsky, Noam. *Requiem para o Sonho Americano*. Presença, 2018.
- Chomsky, Noam. Entrevista com Christopher Cramer para *Presenza International Press Agency*. 1 de maio de 2018. <https://www.presenza.com/2018/05/noam-chomsky-discusses-iraq/>.
- Clark, A.C. *The Revolutionary Has No Clothes. Hugo Chávez’s Bolivarian Farce*. Encounter Books, 2009.
- Cobden, Richard. “On the Total and Immediate Repeal of the Corn Laws”. *The National Review*, Vol. X, Setembro a Fevereiro 1887–8. 1888.
- Collier, Paul. *Os Milhões da Pobreza: Por que Motivo os Países Mais Carenciados do Mundo Estão a Ficar Cada Vez Mais Pobres?* Casa das Letras, 2010.

- Collier, Paul. *O Futuro do Capitalismo: Enfrentar as Novas Ansiedades*. D. Quixote, 2019.
- Collier, Paul, e John Kay. *Greed Is Dead: Politics After Individualism*. Allan Lane, 2020.
- Comissão do Comité Central do Partido Comunista da U.R.S.S. *História do Partido Comunista (Bolchevique) da U.R.S.S.* Manuel Miranda, 1974.
- Courtois, Stéphane, Nicolas Werth, Jean-Louis Panné, Andrzej Paczkowski, Karel Bartosek, e Jean-Louis Margolin. *O Livro Negro do Comunismo: Crimes, Terror e Repressão*. Quetzal, 1998.
- Cowen, Tyler. *Big Business. A Love Letter to an American Anti-Hero*. St. Martin's Press, 2019.
- Davies, William. "The Last Global Crisis didn't Change the World. But This One Could". *The Guardian*, 24 de março de 2020. <https://www.theguardian.com/commentisfree/2020/mar/24/coronavirus-crisis-change-world-financial-global-capitalism>
- Deaton, Angus. *A Grande Evasão: Saúde, Riqueza e as Origens da Desigualdade*. Presença, 2016.
- Delsol, Jean-Philippe, Nicolas Lecaussin, e Emmanuel Martin (eds.). *Anti-Piketty: Capital for the 21st Century*. Cato Institute, 2017.
- Delsol, Jean-Philippe. "The Great Process of Equalization of Conditions" em Delsol, Jean-Philippe, Nicolas Lecaussin, e Emmanuel Martin (eds.). *Anti-Piketty: Capital for the 21st Century*. Cato Institute, 2017, 5-18.
- Dikötter, Frank. *Mao's Great Famine: The History of China's Most Devastating Catastrophe, 1958–62*. Bloomsbury, 2010.
- Dikötter, Frank. *The Cultural Revolution. A People's History. 1962–1976*. Bloomsbury Press, 2017.
- DiLorenzo, Thomas J. *How Capitalism Saved America. The Untold History of Our Country, from the Pilgrims to the Present*. Crown Forum, 2004.
- Dimitrov, Georgi. "The Fascist Offensive and the Tasks of the Communist International in the Struggle of the Working Class against Fascism". Main report delivered at the Seventh World Congress of the Communist International on August 2, 1935. https://www.marxists.org/reference/archive/dimitrov/works/1935/08_02.htm.
- Documents of the 22nd Congress of the Communist Party of the Soviet Union, October 17–31, 1961*. Foreign Language Publishing House, 1961.
- Douthat, Ross. "Marx Rises Again". *The New York Times*, 19 de abril de 2014.

- Duhm, Dieter, *Angst im Kapitalismus. Zweiter Versuch der gesellschaftlichen Begründung zwischenmenschlicher Angst in der kapitalistischen Warengesellschaft*. Verlag Kübler KG, 11.^a Edição, 1975.
- Duhm, Dieter. *Warenstruktur und zerstörte Zwischenmenschlichkeit. Zur politökonomischen Begründung der psychischen Situation des Individuums im Kapitalismus*. Verlag Rolf Horst, 1975.
- Easterlin, Richard A., “Does economic growth improve the human lot? Some empirical evidence” em David, Paul A., e Melvin Reder (eds.). *Nations and Households in Economic Growth*. Stanford University Press, 1974, 90-125.
- Easton, George. “Labour’s manifesto is more Keynesian than Marxist”. *The New Statesman*, Junho 2015.
- Edelman. *Edelman Trust Barometer 2020*. <https://www.edelman.com/trust/2020-trust-barometer>.
- Edwards, Chris, e Ryan Bourne. “Exploring Wealth Inequality”. *Cato Institute Policy Analysis*, n.º 881, 5 de novembro de 2019. <https://www.cato.org/policy-analysis/exploring-wealth-inequality>
- Engels, Frederich. *A Situação da Classe Trabalhadora em Inglaterra*. Afrontamento, 1975.
- Engels, Frederich. *O Desenvolvimento do Socialismo da Utopia à Ciência*. Avante!, 2018.
- Erhard, Ludwig. *Bem-Estar para Todos*. Bertrand, 1962.
- Estaline, José. “The Seventh Enlarged Plenum of the E.C.C.I.” em Stalin, Joseph. *Works, Vol. 9, December 1926–July 1927*. Foreign Languages Publishing House, 1954.
- Estaline, José. *Três Anos de Execução do Plano Quinquenal: A Situação Económica da Rússia e a Crise Mundial do Capitalismo*. Edições do Povo, 1974.
- Falter, Jürgen W. *Hitlers Parteigenossen. Die Mitglieder der NSDAO 1919–1945*. Campus Verlag, 2020.
- Ferguson, Niall. *O Horror da Guerra, 1914-1918*. Temas e Debates, 2018.
- Feshbach, Murry, e Alfred Friendly Jr. *Ecocide in the USSR. Health and Nature Under Siege*. Basic Books, 1992.
- Fink, Alexander, e Kalle Kappner. “Globale Armut: Positive Entwicklung, negative Einschätzung” em de.irefeuropa.org.
- Fink, Alexander, Alexander Mengden, e Fabian Kurz. “Umweltdeaster DDR: Bitteres aus Bitterfeld”. *IREF*, 16 de

- agosto de 2019. <https://www.derfreydenker.de/2019/11/05/umwelt-desaster-ddr-bitteres-aus-bitterfeld/>.
- Follett, Andrew. “7 Enviro Predictions From Earth Day 1970 That Were Just Dead Wrong”. 22 de abril de 2016. <https://dailycaller.com/2016/04/22/7-enviro-predictions-from-earth-day-1970-that-were-just-dead-wrong/>
- Foster, George M. “The Anatomy of Envy: A Study in Symbolic Behavior”. *The University of Chicago Press Journals*, Vol. 13, n.º 2, Abril 1972, 165-202.
- Frankfurter Allgemeine Zeitung*. “Doppelt so viele Unternehmer im neuen Bundestag”. 30 de setembro de 2017. <https://www.faz.net/aktuell/wirtschaft/deutlich-mehr-unternehmer-im-bundestag-15225816.html>
- Friedman, Milton. *Capitalismo e Liberdade*. Actual, 2014.
- Galbraith, John Kenneth. *A Sociedade da Abundância*. Publicações Europa-América, 1976.
- Gallegos, Raúl. *Crude Nation. How Oil Riches Ruined Venezuela*. Potomac Books, University of Nebraska Press, 2016.
- Gartzke, Erik. “The Capitalist Peace”. *American Journal of Political Science*, Vol. 51, n.º 1, Janeiro 2007, 166-191. <https://www.jstor.org/stable/4122913>.
- Gartzke, Erik, e Joseph Hewitt. “International Crises and the Capitalist Peace”. *International Interactions*, 36:2, 18 maio 2010, 115 – 45. <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/03050621003784846>.
- Gassmann, Michael. “Ewige Allmacht? Plötzlich wankt Amazons Monopol”. *Die Welt*, 6 de fevereiro de 2021. <https://www.welt.de/wirtschaft/plus225775833/D2C-Trend-Amazon-muss-um-sein-Monopol-fuerchten.html>.
- Gates, Bill. *Como Evitar um Desastre Climático*. Porto Editora, 2021.
- Gilens, Martin. *Affluence & Influence. Economic Inequality and Political Power in America*. Russell Sage Foundation, Princeton University Press, 2012.
- Governo da República Federal da Alemanha (Bundesregierung der Bundesrepublik Deutschland). *Lebenslagen in Deutschland. Der Sechste Armuts- und Reichtumsbericht der Bundesregierung, Kurzfassung*. 2021. <https://www.armuts-und-reichtumsbericht.de/SharedDocs/Downloads/Berichte/entwurf-sechster-armuts-reichtumsbericht-kurzfassung.pdf?>
- Götz, Norbert. “Die nationalsozialistische Volksgemeinschaft im synchronen und diachronen Vergleich” em Detlef Schmiechen-Ackermann

- (ed.). *“Volksgemeinschaft”: Mythos, wirkungsmächtige soziale Verbeißung oder soziale Realität im „Dritten Reich“? Zwischenbilanz einer kontroversen Debatte.* Ferdinand Schöningh Verlag, 2012, 55-68.
- Graw, Ansgar. *Die Grünen an der Macht. Eine kritische Bilanz.* Finanzbuch Verlag, 2020.
- Gray, John. “The Violent Visions of Slavoj Žižek”. *New York Review of Books*, 12 de julho de 2012, 23. <https://www.nybooks.com/articles/2012/07/12/violent-visions-slavoj-zizek/>.
- Greenspan, Alan. *A Era da Turbulência: Contribuições para um Mundo em Mudança.* Presença, 2009.
- Greenwald, Igor. “Is Capitalism Dying?” *Forbes.com*, 7 de janeiro de 2013. <https://www.forbes.com/sites/igorgreenwald/2013/01/07/is-capitalism-dying/?sh=4fe3cc432820>.
- Hagemann, Harald. “Schumpeter und die Weltwirtschaftskrise: Die Vorzüge schlechter Zeiten oder eine pathologische Depression?” em Frambach, Hans, Norbert Koubek, Heinz D. Kurz, e Reinhard Pfiem. *Schöpferische Zerstörung und der Wandel des Unternehmertums. Zur Aktualität von Joseph A. Schumpeter.* Metropolis Verlag, 2019, 433-454.
- Hartmann, Michael. *The Sociology of Elites.* Routledge, 2006.
- Hayek, F. A., e W. W. Bartley III (ed.). *Arrogância Fatal: Os Erros do Socialismo.* Guerra & Paz, 2022.
- Hayek, F. A. *O Caminho para a Servidão.* Edições 70, 2008.
- Hayek, F. A. “Kinds of Rationalism” em *Studies in Philosophy, Politics, and Economics.* The University Press of Chicago, 1967.
- Hayek, F. A. *A Constituição da Liberdade.* Edições 70, 2018.
- Hecken, Thomas. *Das Versagen der Intellektuellen. Eine Verteidigung des Konsums gegen seine deutschen Verächter.* Transcript Verlag, 2010.
- Heller, Eva. *Wie Werbung wirkt: Theorien und Tatsachen.* Fischer Taschenbuch Verlag, 1996.
- Heuer, Steffan. “Die Einfalt der Vervielfältiger”. *brand eins, Heft 2/2001.* <https://www.brandeins.de/magazine/brand-eins-wirtschaftsmagazin/2001/organisation/die-einfalt-der-vervielfaeltiger>.
- Higginbotham, Adam. *Meia-Noite em Chernobyl,* Desassossego, 2020.
- Hollander, Paul. *From Benito Mussolini to Hugo Chávez. Intellectuals and a Century of Political Hero Worship.* Cambridge University Press, 2016.
- Horkheimer, Max. “The Jews and Europe” em Bronner, Steven Eric, e Douglas MacKay Kellner (eds.). *Critical Theory and Society: A Reader.*

- Routledge, 1989.
- Imhoff, Roland, e Martin Bruder. “Speaking (Un-)Truth to Power: Conspiracy Mentality as A Generalised Political Attitude”. *European Journal of Personality* 28(1), Janeiro de 2014, 25-43.
- Jäger, Thomas, e Rasmus Beckmann (eds.). *Handbuch Kriegstheorien*. VS Verlag für Sozialwissenschaften, Springer Fachmedien, 2011.
- Jungbluth, Rüdiger. *Die Oetkers. Geschäfte und Geheimnisse der bekanntesten Wirtschaftsdynastie Deutschlands*. Bastei Lübbe Verlag, 2004.
- Kahneman, Daniel, e Angus Deaton. “High income improves evaluation of life but not emotional well-being”. *Proceedings of the National Academy of Sciences* 107 (2010), 16489–16493.
- Kamarck, Elaine. “If money can’t buy you votes, what can it buy? Lessons from Michael Bloomberg’s 2020 run”. *Brookings*, 5 de março de 2020. <https://www.brookings.edu/blog/fixgov/2020/03/05/if-money-cant-buy-you-votes-what-can-it-buy-lessons-from-michael-bloombergs-2020->
- Kelley, Jonathan, e M.D.R. Evans. “Societal inequality and individual subjective well-being: Results from 68 societies and over 200.000 individuals, 1981–2008”. *Social Science Research* 62 (2016), 1-23. <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/28126092/>.
- Kepplinger, Hans Mathias. *Risikofallen und wie man sie vermeidet*. Herbert von Halem Verlag, 2021.
- Khor, N., e J. Pencavel, J. “Income mobility of individuals in China and the United States”. *Economics of Transition*, 14 (3), 2006, 417-458.
- Killingsworth, Matthew, A. “Experienced well-being rises with income, even above \$75,000 per year”. *PNAS Vol. 118 No. 4 e2016976118*, January 26, 2021. <https://doi.org/10.1073/pnas.2016976118>
- Kirzner, Israel M. *Competition and Entrepreneurship*. The University of Chicago Press, 1973.
- Klein, Daniel B. *Reputation: Studies in the Voluntary Elicitation of Good Conduct*. The University of Michigan Press, 1997.
- Klein, Naomi. *Tudo Pode Mudar: Capitalismo vs. Clima*. Editorial Presença, 2016.
- Knabe, Hubertus. “Klimakiller DDR”. 19 de setembro de 2019. <https://hubertus-knabe.de/klimakiller-ddr/>
- Knight, Damien, e Harry McCreddie. “Understanding the ‘facts’ about top pay” em Shackleton, J.R. (ed.), *Top Dogs & Fat Cats. The Debate on High*

- Pay. Institute of Economic Affairs, 2019, 40-56.
- Koch, Thomas. “Wirkt Werbung überhaupt nicht? Oder nur falsch?” *Wirtschaftswoche*, 2 de março de 2021. <https://www.wiwo.de/unternehmen/dienstleister/werbesprech-wirkt-werbung-ueberhaupt-nicht-oder-nur-falsch/26962092.html>.
- Koenen, Gerd. *Die Farbe Rot. Ursprünge und Geschichte des Kommunismus*. Beck Verlag, 2017.
- König, Wolfgang. *Kleine Geschichte der Konsumgesellschaft. Konsum als Lebensform der Moderne*. Franz Steiner Verlag, 2008.
- König, Wolfgang. *Geschichte der Wegwerfgesellschaft. Die Kebrseite des Konsums*. Franz Steiner Verlag, 2019.
- Koestler, Arthur. Em Crossmann, Richard (ed.), *The God That Failed. Six Studies in Communism*. Harper Collins, 1950.
- Kreutzer, Ralf T., e Karl-Heinz Land. *Dematerialisierung. Die Neuverteilung der Welt in Zeiten des digitalen Darwinismus*. Future Vision Press, 2015.
- Krugman, Paul. “Oligarchy, American Style”. *The New York Times*, 3 de novembro de 2011. <https://www.nytimes.com/2011/11/04/opinion/oligarchy-american-style.html>.
- Kürschner, Jens. *Unterschwellige Werbung als Priming-Instrument. Eine Untersuchung*. Grin Verlag, Books on Demand, 2012.
- Lawson, Neal. “Do we want to shop or to be free? We’d better choose fast”. *The Guardian*, 2 de Agosto de 2009. <https://www.theguardian.com/commentisfree/2009/aug/02/consumerism-society-shopping>.
- Lee, Felix. *Macht und Moderne. Chinas großer Reformator Deng Xiaoping. Die Biographie*. Rotbuch Verlag, 2014.
- Lénine, Vladimir Ilyich. “O Imperialismo: Fase Superior do Capitalismo”, em *Obras Escolhidas em Três Tomos*, Tomo I. Avante!, 1979, 575-671.
- Lénine, Vladimir Ilyich. “O Estado e a Revolução”, em *Obras Escolhidas em Três Tomos*, Tomo II. Avante!, 1980, 219-305.
- Lénine, Vladimir Ilyich. “Como Organizar a Emulação?”, em *Obras Escolhidas em Três Tomos*, Tomo II. Avante!, 1980, 441-447.
- Lénine, Vladimir Ilyich. “Sobre a Fome (Carta aos operários de Petrogrado)”, em *Obras Escolhidas em Três Tomos*, Tomo II. Avante!, 1980, 618-623.
- Lénine, Vladimir Ilyich. *Que Fazer?*, Avante!, 1978.
- Lénine, Vladimir Ilyich. “The New Economic Policy and the Tasks of the Political Education Departments” em *V. I. Lenin Collected Works, Vol. 33*,

- August 1921 – March 1923, 2nd English Edition*. Progress Publishers, 1965, 60–79. <https://www.marxists.org/archive/lenin/works/1921/oct/17.htm>
- Liebowitz, Stan J., e Stephen E. Margolis. *Winners, Losers & Microsoft. Competition and Antitrust in High Technology*. The Independent Institute, 1999.
- Lindert, Peter H., e Jeffrey G Williamson. “English Workers’ Living Standards During the Industrial Revolution: A New Look” em Mokyr, Joel (ed.), *The Economics of the Industrial Revolution*. Routledge, 2011, 177-205.
- Lommel, Cookie. *Schwarzenegger. A Man with a Plan*. Heyne Verlag, 2004.
- Lundberg, Ferdinand. *The Rich and the Super-Rich. A Study in the Power of Money Today*. Lyle Stuart, 1968.
- Luxemburg, Rosa. *Gesammelte Werke, Vol. 5: Ökonomische Schriften*. Karl Dietz Verlag, 1975.
- Maddison, Angus. *Contours of the World Economy 1–2030 AD, Essays in Macro-Economic History*. Oxford University Press, 2007.
- Maier, Hans. *Politische Religionen. Die totalitären Regime und das Christentum*. Herder Verlag, 1995.
- Maier, Hans (ed.). *Totalitarismus und Politische Religionen. Band III: Deutungsgeschichte und Theorie*. Schöningh Verlag, 2003.
- Mao Tsetung. *Citações do Presidente Mao Tsetung*. Minerva, 1974.
- Marcuse, Herbert. *O Homem Unidimensional: Sobre a Ideologia da Sociedade Industrial Avançada*. Letra Livre, 2011.
- Margolin, Jean-Louis. “Cambodja: no país do crime desconcertante” em Courtois, Stéphane, Nicolas Werth, Jean-Louis Panné, Andrzej Paczkowski, Karel Bartosek, e Jean-Louis Margolin. *O Livro Negro do Comunismo: Crimes, Terror e Repressão*. Quetzal, 1998.
- Marx, Karl. “Prefácio” a “Para a Crítica da Economia Política”, em *Obras Escolhidas de Marx e Engels em Três Tomos*. Tomo I. Avante!, 1982, 545-549.
- Marx, Karl. “Crítica do Programa de Gotha”, em *Obras Escolhidas de Marx e Engels em Três Tomos*. Tomo III. Avante!, 1982, 5-30
- Marx, Karl. *Grundrisse: Foundations of the Critique of Political Economy*. Harmondsworth: Penguin Books, 1973.
- Marx, Karl. *O Capital: Livro Primeiro*. Tomo III. Avante!, 1997.
- Marx, Karl. *O Capital: Livro Terceiro*. Tomo VIII. Avante!, 2017.
- Marx, Karl. “Introdução” a *Para a Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*. LusoSofia, 2008. <http://www.lusosofia.net/textos/>

- marx_karl_para_a_critica_da_filosofia_do_direito_de_hegel.pdf
- Mavragani, Amaryllis, Ioannis E. Nikolaou, e Konstantino P. Tsagarakis. “Open Economy, Institutional Quality, and Environmental Performance: A Macroeconomic Approach”. *Sustainability* 2016, 8, 601, 1–13.
- McAfee, Andrew. *The Surprising Story of How We Learned to Prosper Using Fewer Resources – and What Happens Next*. Scribner, 2019.
- McCloskey, Deirdre Nansen, e Art Carden. *Leave Me Alone and I'll Make You Rich. How the Bourgeois Deal Enriched the World*. The University of Chicago Press, 2020.
- McDermott, Kevin, e Jeremy Agnew. *The Comintern: A History of International Communism from Lenin to Stalin*. Macmillan Press, 1996.
- McKenzie, Richard B., e Dwight R. Lee. *In Defense of Monopoly. How Market Power Fosters Creative Production*. The University of Michigan Press, 2008.
- Medvedev, Zhores A. “Environmental Destruction of the Soviet Union”. *The Ecologist*, Vol. 20, n.º 1, Janeiro/Fevereiro 1990.
- Meissner, Gerd. *SAP – Die heimliche Software-Macht. Wie ein mittelständisches Unternehmen den Weltmarkt erobert*. Hoffmann und Campe, 1997.
- Melcher, Jacqueline. “Kinderarbeit: Alarmierende Entwicklung laut UN-Studie”. *FAZ*, 10 de junho de 2021: <https://www.faz.net/aktuell/wirtschaft/kinderarbeit-alarmierende-entwicklung-laut-un-studie-17380670.html>.
- Meltzer, Allan H. *Why Capitalism?* Oxford University Press, 2012.
- Méndez, Daniel Fernández. “The Real Relationship Between Capitalism and the Environment”. 1 de dezembro de 2018: <https://mises.org/ko/wire/real-relationship-between-capitalism-and-environment>
- Miller, Terry, Anthony B. Kim, e James M. Roberts. *2021 Index of Economic Freedom*. The Heritage Foundation, 2021.
- Mises, Ludwig von. *Socialism: An Economic and Sociological Analysis*. Liberty Fund, 1981.
- Mises, Ludwig von. *The Anti-Capitalistic Mentality*. Liberty Fund, 1972.
- More, Thomas. *Utopia*. Tradução de Regina Pereira. Ad Astra et Ultra, 2010.
- Moyo, Dambisa. *Dead Aid: Why Aid is not working and How There Is A Better Way For Africa*. Farrar, Straus and Giroux, 2009.
- Mueller, John. “Capitalism, Peace, and the Historical Movement of Ideas”. *International Interactions*, 36, 2010, 169-184.
- Neffe, Jürgen. *Marx. Der Unvollendete*. C. Bertelsmann, 3.^a Edição, 2017.
- Neubauer, Alexander. *Ökofimmel. Wie wir versuchen, die Welt zu retten – und was*

- wir damit anrichten*. Deutsche Verlags Anstalt, 2012.
- Neuhäuser, Christian. *Reichtum als moralisches Problem*. Suhrkamp Verlag, 2018.
- Niemietz, Kristian. “Der Mythos vom Globalisierungsverlierer. Armut im Westen” em Hoffmann, Christian, e Pierre Bessard (eds.). *Das Ende der Armut. Chancen einer globalen Marktwirtschaft*. Liberales Institut Zürich, 2012, 141–159.
- Niemietz, Kristian. *Socialism. The Failed Idea That Never Dies*. Institute of Economic Affairs, 2019.
- Niskanen, William A., e Stephan Moore. “Supply-Side Tax Cuts and the Truth about the Reagan Economic Record”. *Cato Policy Analysis*, 22 de outubro de 1996.
- Nocun, Katharina, e Pia Lamberty. *Fake Facts. Wie Verschwörungstheorien unser Denken bestimmen*. Bastei Lübbe, 2020.
- Norberg, Johan. *In Defense of Global Capitalism*. Cato Institute, 2003.
- Norberg, Johan. *Financial Fiasco. How America’s Infatuation with Homeownership and Easy Money Created the Economic Crisis*. Cato Institute, 2009.
- Norberg, Johan. *Progresso*. Temas e Debates, 2017.
- Ogilvy, David. *Confessions of an Advertising Man*. Atheneum, 1963.
- Oxford Poverty & Human Development Initiative, Global MPI 2021.
- Page, Benjamin I., e Martin Gilens. *Democracy in America? What Has Gone Wrong and What We Can Do About It*. The University of Chicago Press, 2017.
- Page, Benjamin I., Larry M. Bartels, e Jason Seawright. “Democracy and the Policy Preferences of Wealthy Americans”. *Cambridge University Press Perspectives on Politics*, Março 2013, Vol. 11, n.º 1.
<https://www.cambridge.org/core/journals/perspectives-on-politics/article/abs/democracy-and-the-policy-preferences-of-wealthy-americans/B783EEF6785FEE093198ABED8D2C3D61>.
- Palmer, Tom G. “Foreword” em Delsol, Jean-Philippe, Nicolas Lecaussin, e Emmanuel Martin (eds.). *Anti-Piketty: Capital for the 21st Century*. Cato Institute, 2017, xi–xvi.
- Pasolini, Pier Paolo. “A Challenge to Television Network Executives”. *Corriere della Sera*, 9 de dezembro de 1973.
- Pasolini, Pier Paolo. “Open Letter to Italo Calvino: From Pasolini – What I Feel Nostalgic About”. *Paese Sera*, 8 de julho de 1974.

- Pasolini, Pier Paolo. “Don’t Be Afraid to Have a Heart”. *Corriere della Sera*, 10 de março de 1975.
- Petit, Nicolas. *Big Tech and The Digital Economy. The Molligopoly Scenario*. Oxford University Press, 2020.
- Pettinger, Tejvan. “Advantages and Disadvantages of Monopolies”. *Economics Help*, 4 de outubro de 2020.
<https://www.economicshelp.org/blog/265/economics/are-monopolies-always-bad/>.
- Petzina, Dieter. *Autarkiepolitik im Dritten Reich. Der nationalsozialistische Vierjahresplan*. dva, 1968.
- Piketty, Thomas. *O Capital no Século XXI*. Temas e Debates, 2021.
- Piketty, Thomas. *Capital e Ideologia*. Temas e Debates, 2020.
- Pinker, Steven. *O Iluminismo Agora: Em Defesa da Razão, Ciência, Humanismo e Progresso*. Presença, 2018.
- Plumpe, Werner. *Das kalte Herz. Kapitalismus: Die Geschichte einer andauernden Revolution*. Rowohlt Verlag, 2019.
- Plumpe, Werner. “Die Logik des modernen Krieges und die Unternehmen: Überlegungen zum Ersten Weltkrieg”. *Jahrbuch für Wirtschaftsgeschichte* 2015; 56 (2), 325–357.
- Polleit, Thorsten. *Der Antikapitalist. Ein Weltverbesserer, der keiner ist*. Finanzbuch Verlag, 2020.
- Pollock, Frederick. “Is National Socialism a New Order?” *Zeitschrift für Sozialforschung* 9.3 (1941), 440-455.
- Ponciano, Jonathan. “The Forbes 400 Self-Made Score: From Silver Spooners to Bootstrappers”. *Forbes.com*, 8 de setembro de 2020.
<https://www.forbes.com/sites/jonathanponciano/2020/09/08/self-made-score/?sh=6a41b14d41e4>.
- Papa Francisco. “Carta Encíclica *Laudato Si’* do Santo Padre Francisco sobre o Cuidado da Casa Comum”. 2015. https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html.
- Prakash, Siddharth, Günther Dehoust, Martin Gsell, Tobias Schleicher, e Rainer Stamminger. *Einfluss der Nutzungsdauer von Produkten*

auf ihre Umweltwirkung: Schaffung einer Informationsgrundlage und Entwicklung von Strategien gegen 'Obsoleszenz.' Umweltbundesamt, 2016. <https://www.umweltbundesamt.de/publikationen/einfluss-der-nutzungsdauer-von-produkten-auf-ihre-1>.

- Rabbinbach, Anson, “Anti-Totalitarianism as Anti-Communism” em Frei, Norbert e Dominik Rigoll (eds.). *Weltanschauung und Politik in Deutschland, Europa und den USA*. Wallstein Verlag, 2017.
- Rand, Ayn. *The Virtue of Selfishness. A New Concept of Egoism*. Signet, 1964.
- Rand, Ayn. “America’s Persecuted Minority” em *Capitalism: The Unknown Ideal (50th Anniversary Edition)*. With Additional Articles by Nathaniel Branden, Alan Greenspan, and Robert Hessen. New American Library, 1967, 40-62
- Ravier, Adrián, e Peter Lewin. “The Subprime Crisis”. *Quarterly Journal of Austrian Economics*, Vol. 15, n.º 1, 2012, 45-74.
- Reich, Wilhelm. *Character Analysis. Third Enlarged Edition*. Pocket Books, 1976.
- Rhonheimer, Martin. “Ludwig Erhards Konzept der sozialen Marktwirtschaft und seine wettbewerbstheoretischen Grundlagen”. *Zeitschrift für Marktwirtschaft und Ethik* 5 (2), 2017, 83-106.
- Rhonheimer, Martin. “Politik für den Menschen braucht weder ‘christlich’ noch ‘sozial’ zu sein” em Rausch, Bettina, e Simon Varga. *Christlich-soziale Signaturen. Grundlagen einer politischen Debatte*. Edition noir, 2020, 215-246.
- Ries, Al, and Laura Ries. *The Fall of Advertising and the Rise of PR*. HarperCollins, 2002.
- Rosdolsky, Roman. *The Making of Marx’s Capital*. Pluto Press, 1977.
- Rosling, Hans, com Anna Rosling Rönnlund e Ola Rosling. *Factfulness = Factualidade: Dez Razões pelas quais Estamos Errados Acerca do Mundo e Porque as Coisas estão Melhor do que Pensamos*. Temas e Debates, 2019.
- Rubin, Paul. “Folk Economics”. *Southern Journal of Economics* 70 (1), 2003, 157-171.
- Ruprecht, Götz, and Horst-Joachim Lüdecke. *Kernenergie. Der Weg in die Zukunft*. TvR Medienverlag, 2018.
- Ryklin, Michail. *Kommunismus als Religion. Die Intellektuellen und die Oktoberrevolution*. Verlag der Weltreligionen im Insel Verlag, 2008.
- Sachweh, Patrick. *Deutungsmuster sozialer Ungleichheit. Wahrnehmung und Legitimation gesellschaftlicher Privilegierung und Benachteiligung*, também

- apresentado como dissertação de doutoramento na Universidade de Bremen em 2009, Campus Verlag, 2009.
- Samland, Bernd M. *Übersetzt du noch oder verstehst du schon? Werbe-Englisch für Anfänger*. Herder Verlag, 2011.
- Scheidel, Walter. *A Violência e a História da Desigualdade: da Idade da Pedra ao Século XXI*. Edições 70, 2018.
- Schmiechen-Ackermann, Detlef (ed.). *“Volksgemeinschaft”: Mythos, wirkungsmächtige soziale Verbeißung oder soziale Realität im “Dritten Reich”? Zwischenbilanz einer kontroversen Debatte*. Ferdinand Schöningh Verlag, 2012.
- Schneider, Gerald, and Nils Petter Gleditsch (eds.). *Assessing the Capitalist Peace*. Routledge, 2015.
- Schoeck, Helmut. *Envy: A Theory of Social Behaviour*. Liberty Fund, 1966.
- Schoeck, Helmut. *Das Recht auf Ungleichheit*. Herbig, 3.º Edição Alargada, 1990.
- Schroeder, Gertrude. “The Dismal Fate of Soviet-Type Economies: Mises was Right”. *Cato Journal*, Vol. 11, n.º 1, 1991, 13-25.
- Schumpeter, Joseph. *Teoria do Desenvolvimento Económico*. Fundação Calouste Gulbenkian, 2012.
- Schumpeter, Joseph. *Capitalismo, Socialismo e Democracia*. Actual, 2017.
- Schumpeter, Joseph. “Unternehmerfunktion und Arbeiterinteresse” em Herzog, Lisa, e Axel Honneth (eds.). *Schumpeter, Joseph, Schriften zur Ökonomie und Soziologie*. Suhrkamp Verlag, 2016, 222–240.
- Scruton, Roger. *Tolos, Impostores e Incendiários: Pensadores da Nova Esquerda*. Quetzal, 2018.
- Shackleton, J.R. (ed.). *Top Dogs & Fat Cats. The Debate on High Pay*. Institute of Economic Affairs, 2019.
- Shapiro, Bradley T., Günter J. Hitsch, e Anna E. Tuchmann. “TV Advertising Effectiveness and Profitability: Generalizable Results from 288 Brands”. *Econometrica. Journal of the Econometric Society*, Vol. 89, n.º 4, Julho 2021, 1855-1879.
- Shaw, George Bernard. *The Rationalization of Russia*. Indiana University Press, 1964.
- Shellenberger, Michael. *Apocalypse Nunca. Como o Alarmismo Ambiental nos Prejudica a Todos*. D. Quixote, 2021.
- Simon, Hermann. *True Profit! No Company Ever Went Broke Turning a Profit*. Copernicus, 2021.

- Sloterdijk, Peter. *Tens de Mudar de Vida: Sobre Antropotécnica*. Relógio d'Água, 2018.
- Smith, Adam. *Inquérito sobre a Natureza e as Causas da Riqueza das Nações*. Fundação Calouste Gulbenkian, 1981.
- Smith, Bradley A. “The Power of Political Money is Overrated”. *The New York Times*, 29 de fevereiro de 2016. <https://www.nytimes.com/roomfordebate/2016/02/25/does-money-really-matter-in-politics/the-power-of-political-money-is-overrated>
- Snow, Richard. *I Invented the Modern Age. The Rise of Henry Ford*. Scribner, Reimpressão, 2013.
- Sobanet, Andrew. *Generation Stalin. French Writers, the Fatherland, and the Cult of Personality*. Indiana University Press, 2018.
- Sombart, Werner. *Der moderne Kapitalismus. Band III. Das Wirtschaftsleben im Zeitalter des Hochkapitalismus, Zweiter Halbband*. Duncker & Humblot, 1969.
- Sowell, Thomas. *Intellectuals and Society. Revised and Enlarged Edition*. Basic Books, 2011.
- Sowell, Thomas. *Discrimination and Disparities*. Basic Books, 2019.
- Stiglitz, Joseph. *O Fim da Desigualdade: Sociedades Desiguais e Como as Mudar*. Bertrand, 2018.
- Stone, Brad. *Amazon Unbound. Jeff Bezos and the Invention of a Global Empire*. Simon & Schuster, 2021.
- The Economist*. “Our crony-capitalism index: Planet Plutocrat”. *The Economist*, 15 de março de 2014. <https://www.economist.com/international/2014/03/15/planet-plutocrat>.
- Tempelman, Jerry H. “Austrian Business Cycle Theory and the Global Financial Crisis: Confessions of a Mainstream Economist”. *Quarterly Journal of Austrian Economics*, Vol. 13, n.º 1, 2010, 3-15.
- Tillessen, Carl. *Konsum. Warum wir kaufen, was wir nicht brauchen*. Harper Collins, 2020.
- Transparency International. *Corruption Perceptions Index 2020*. <https://www.transparency.org/en/cpi/2020/index/nzl>.
- Trentmann, Frank. *Empire of Things: How We Became a World of Consumers, from the Fifteenth Century to the Twenty-First*. Penguin, 2017.
- Turner Jr., Henry Ashby. “Emil Kirdorf and the Nazi Party”. *Central European History* Vol. 1 (Dezembro 1968), 324-344.

- Turner Jr., Henry Ashby. "Big Business and the Rise of Hitler". *The American Historical Review* Vol. 75 n.º 1 (Outubro 1969), 56-70.
- Turner Jr., Henry Ashby. *German Big Business and the Rise of Hitler*. Oxford University Press, 1985.
- UNICEF. "Kinderarbeit: Die 7 wichtigsten Fragen und Antworten". <https://www.unicef.de/informieren/aktuelles/blog/kinderarbeit-fragen-und-antworten/166982>.
- Voegeli, William. *Never Enough: America's Limitless Welfare State*. Encounter Books, 2010.
- Voegelin, Eric. "The Political Religions" em Voegelin, Eric. *Modernity Without Restraint: The Political Religions, The New Science of Politics, and Science, Politics, and Gnosticism (Collected Works of Eric Voegelin, Volume 5)*. University of Missouri Press, 1999.
- Wagenknecht, Sahra. *Die Selbstgerechten: Mein Gegenprogramm – für Gemeinsinn und Zusammenhalt*. Campus Verlag, 2021.
- Walter, Franz, e Stine Marg (eds.). *Sprachlose Elite? Wie Unternehmer Politik und Gesellschaft sehen*. BP-Gesellschaftsstudie, Rowohlt Verlag, 2015.
- Wang, Xiaolu, Fan Gang, e Yu Jingwen. *Marketization Index of China's Provinces (Zhongguo fensheng shichanghua zhishu baogao)*. Social Sciences, 2017.
- Watkins, Don, e Yaron Brook. *Equal is Unfair. America's Misguided Fight Against Income Inequality*. St. Martin's Press, 2016.
- Weede, Erich. "Frieden durch Kapitalismus. Eine Ergänzung und Alternative zum demokratischen Frieden". *Internationale Politik IP*, Julho 2005, 65-73.
- Weede, Erich. "Wirtschaftliche Freiheit. Hintergrundbedingungen, Auswirkungen und Gefährdungen". *Wirtschaftspolitische Blätter* 3-4, 2014, 443-455.
- Weede, Erich. "The Capitalist Peace and the Rise of China: Establishing Global Harmony by Economic Interdependence" em Schneider, Gerald e Nils Petter Gleditsch (eds.). *Assessing the Capitalist Peace*. Routledge, 2015, 158-165.
- Weede, Erich. "The Expansion of Economic Freedom and the Capitalist Peace" em Thompson, William R. (ed.). *Oxford Encyclopedia for Empirical International Relations Theory*, 2018, 820-836. <https://www.pollux-fid.de/r/cr-10.1093/acrefore/9780190228637.013.276>.
- Weimann, Joachim, Andreas Knabe, e Ronnie Schön. *Geld macht doch glücklich. Wo die ökonomische Glücksforschung irrt*. Schäffer Poeschel Verlag, 2012.

- Weimer, Wolfram. “Sogar Bill Gates setzt darauf: Warum Kernenergie wieder angesagt ist”. *Focus.de*, 23 de julho de 2021. https://www.focus.de/finanzen/nur-in-deutschland-gibt-es-kein-comeback-verblueffend-die-kernenergie-erlebt-ein-globales-comeback_id_13519732.html.
- Wemheuer, Felix. *Der große Hunger. Hungersnöte unter Stalin und Mao*. Rotbuch Verlag, 2012.
- Wendling, Z.A., J.W. Emerson, A. de Sherbinin, D. C. Esty, et al. *Environmental Performance Index 2020. Global metrics for the environment: Ranking country performance on sustainability issues*. Yale Center for Environmental Law & Policy, Yale University, 2020.
- Werth, Nicolas. “Um Estado Contra o seu Povo: Violências, repressões e terrores na União Soviética” em Courtois, Stéphane, Nicolas Werth, Jean-Louis Panné, Andrzej Paczkowski, Karel Bartosek, e Jean-Louis Margolin. *O Livro Negro do Comunismo: Crimes, Terror e Repressão*. Quetzal, 1998.
- Williams, Walter E. “Environmentalists Are Dead Wrong”. 26 de abril de 2017. <https://www.creators.com/read/walter-williams/04/17/environmentalists-are-dead-wrong>.
- Woods Jr., Thomas E. *Meltdown. A Free-Market Look at Why the Stock Market Collapsed, the Economy Tanked, and Government Bailouts Will Make Things Worse*. Regnery Publishing, 2009.
- Wall Street Journal*. “World’s Dumbest Energy Policy. After giving up nuclear power Germany now wants to abandon coal”. *Wall Street Journal*, 29 de janeiro de 2019. <https://www.wsj.com/articles/worlds-dumbest-energy-policy-11548807424>.
- York, John. “Does Rising Income Inequality Threaten Democracy?” *Poverty and Inequality Report*. The Heritage Foundation, 30 de junho de 2017. <https://www.heritage.org/poverty-and-inequality/report/does-rising-income-inequality-threaten-democracy>.
- Zhang, Weiyong. *The Logic of the Market. An Insider’s View of Chinese Economic Reform*. Cato Institute, 2015.
- Zhang, Weiyong. “China’s future growth depends on innovation entrepreneurs”. *Journal of Chinese Economic and Business Studies*, 15 (1), 2017, 19-40.
- Zhang, Weiyong. *The Origin of the Capitalist Firm: An Entrepreneurial/Contractual Theory of the Firm*. Springer Nature, 2018.
- Zhang, Weiyong. “The China model view is factually false”. *Journal of Chinese Economic and Business Studies*, 2019. <https://www.tandfonline.com/doi/ab>

- [s/10.1080/14765284.2019.1663696](https://doi.org/10.1080/14765284.2019.1663696).
- Zhang, Weiying. *Ideas for China's Future*. Palgrave Macmillan, 2020.
- Zhang, Weiying. "A paradigmatic change is needed for understanding the real market". *China Economic Review*, Vol. 66 (C), 2021. https://www.researchgate.net/publication/349085342_A_paradigmatic_change_is_needed_for_understanding_the_real_market.
- Zhang, Weiying. "Market economy and China's 'common prosperity' campaign". *Journal of Chinese Economic and Business Studies*, 2021, 1-15.
- Ziegler, Jean. *Was ist so schlimm am Kapitalismus? Antworten auf die Fragen meiner Enkelin*. C. Bertelsmann, 2018.
- Zitelmann, Rainer. "Zur Argumentationsstrategie linker Umweltpolitik" em *3 Aufsätze von einem Insider, der keine Lust mehr an dem Verein hat*. N.P., 1977. <https://www.rainer-zitelmann.de/jahr-1977/>.
- Zitelmann, Rainer. "Zur Begründung des 'Lebensraum'-Motivs in Hitlers Weltanschauung" em Zitelmann, Rainer. *Hitler. Selbstverständnis eines Revolutionärs*. Lau Verlag, 5.^a Edição Alargada, 2017, 557-576.
- Zitelmann, Rainer. *The Wealth Elite. A Groundbreaking Study of the Psychology of the Super Rich*. LiD Publishing Limited, 2018.
- Zitelmann, Rainer. *The Power of Capitalism*. LiD Publishing Limited, 2019.
- Zitelmann, Rainer. "Left-Wing Intellectuals Are Thrilled: Corona And Dreams of the End of Capitalism". *Forbes.com*, 30 de março de 2020. <https://www.forbes.com/sites/rainerzitelmann/2020/03/30/left-wing-intellectuals-are-thrilled-corona-and-dreams-of-the-end-of-capitalism/?sh=130c65d57420>.
- Zitelmann, Rainer. *The Rich in Public Opinion: What We Think About When We Think About Wealth*. Cato Institute, 2020.
- Zitelmann, Rainer. *Hitler's National Socialism*. Management Books 2000, 2022.
- Žižek, Slavoj. *A Left that Dares Speak Its Name: 34 Untimely Interventions*. Polity Press, 2020.
- Žižek, Slavoj. "The Will Not to Know". 24 de agosto de 2020. <https://the-philosophicalsalon.com/the-will-not-to-know/>.

NOTAS

- 1 O economista chinês Weiyang Zhang, na senda da Escola Austríaca de Economia (e em particular a economia Schumpeteriana), enfatiza o papel do empreendedorismo. Ver Weiyang Zhang, *Ideas for China's Future*, e Weiyang Zhang, “A Paradigmatic Change”.
- 2 Cf. Kepplinger, *Risikofallen*, 62–63.
- 3 Fink / Kappner.
- 4 O Banco Mundial define pobreza absoluta como os rendimentos abaixo da linha de pobreza internacional de 1,90 dólares (PPP) por dia. Este é o tipo de pobreza mais severo, caracterizado pela privação extrema de bens essenciais (incluindo, e sobretudo, alimentos). A medição da pobreza em dólares (PPP) tem em conta as variações do poder de compra em diferentes países (PPP = Purchasing Power Parity/Paridade de Poder de Compra).
- 5 Cf. Pinker, 110, Rosling, 62, Fink / Kappner, <https://www.worldbank.org/en/publication/poverty-and-shared-prosperity>
- 6 Melcher, “Kinderarbeit: Alarmierende Entwicklung laut UN-Studie” in FAZ, June 10, 2021. <https://www.faz.net/aktuell/wirtschaft/kinderarbeit-alarmierende-entwicklung-laut-un-studie17380670.html>
- 7 Norberg, *Progresso*, 12. [Nota da edição: Faz-se referência direta às edições portuguesas das obras citadas pelo autor sempre que estas tenham sido publicadas em Portugal.]
- 8 Wagenknecht, 58.
- 9 Engels, *A situação da classe trabalhadora*, 32-33.
- 10 Engels, *A situação da classe trabalhadora*, 33-34.
- 11 Braudel, 55.
- 12 Braudel, 55-56.
- 13 Plumpe, *Das kalte Herz*, 149–150.
- 14 Braudel, 56.
- 15 Braudel, 58.
- 16 Braudel, 58-59.
- 17 Braudel, 104.
- 18 Braudel, 104, 106.
- 19 Citado em Braudel, 107.
- 20 Deaton, 117.
- 21 McCloskey, Carden, 41.
- 22 Norberg, *Progresso*, 24.
- 23 Citado em Braudel, 70.
- 24 Braudel, 70.
- 25 Braudel, 245.

- 26 Citado em Braudel, 432.
- 27 O dólar internacional é uma unidade monetária hipotética que tem a mesma paridade de poder de compra que o dólar EUA tinha em 1990, nos Estados Unidos.
- 28 Maddison, 70.
- 29 Maddison, 70.
- 30 Maddison, 70.
- 31 Citado em Lee, 80.
- 32 Dikötter, *Mao's Great Famine*, 320–321.
- 33 Chang / Halliday, 491.
- 34 Deaton, 60.
- 35 Lee, 159.
- 36 Zhang, *The China Model*, 18-19. Itálicos no original.
- 37 Zhang, *The China Model*, 9-10.
- 38 Zhang, *The China Model*, 10. Itálicos no original.
- 39 Zhang, *The China Model*, 11-12.
- 40 Zhang, *The China Model*, 13.
- 41 Zhang, *The China Model*, 14.
- 42 Zhang, *Ideas for China's Future*, 229.
- 43 Zhang, *The Logic*, 158.
- 44 DiLorenzo, 95-96.
- 45 Wemheuer, 17-18, 59.
- 46 Wemheuer, 17.
- 47 Wemheuer, 235.
- 48 <https://www.bpb.de/nachschlagen/zahlen-und-fakten/globalisierung/52693/unterernaehrung>
- 49 Norberg, *Progresso*, 37-38.
- 50 Miller, Kim, Roberts, *Index of Economic Freedom 2021*, 22.
- 51 Oxford Poverty & Human Development Initiative, Global MPI 2021: <http://hdr.undp.org/en/2021-MPI>
- 52 Miller, Kim, Roberts, *Index of Economic Freedom 2021*, 25.
- 53 Cf. Zitelmann, *The Power of Capitalism*, Capítulo 2.
- 54 Moyo, 8.
- 55 Moyo, 55.
- 56 Moyo, 67.
- 57 Norberg, *Global Capitalism*, 199.
- 58 UNICEF “Kinderarbeit weltweit: Die 7 wichtigsten Fragen und Antworten”: <https://www.unicef.de/informieren/aktuelles/blog/kinderarbeit-fragen-und-antworten/166982>
- 59 More, *Utopia*, 49.
- 60 Andreä, 171.
- 61 Sachweh, 45.
- 62 Sachweh, 235.

- 63 Sachweh, 68.
- 64 A inovação não deve ser aqui confundida com invenção. As inovações são novidades criativas para as quais existe uma procura real. As invenções podem ser “criativas” e “fantásticas”, mas ainda assim não ter sucesso comercial, por os consumidores não as acharem atrativas quando surgem ou porque o inventor não as comercializa bem.
- 65 Schumpeter, “Unternehmerfunktion und Arbeiterinteresse,” 229. Itálicos no original.
- 66 Citado em Jungbluth, Oetkers, 62.
- 67 Zitelmann, *The Rich in Public Opinion*, 307.
- 68 Zitelmann, *The Rich in Public Opinion*, 157.
- 69 Cowen, 54-55.
- 70 Cowen, 55.
- 71 Sowell, *Intellectuals and Society*, 50-51. Itálicos no original.
- 72 Watkins / Brook, *Equal is Unfair*, 10. Itálicos no original.
- 73 Marx, “Crítica do Programa de Gotha”, *Obras Escolhidas*, Tomo III, 17.
- 74 Marx, “Crítica do Programa de Gotha”, *Obras Escolhidas*, Tomo III, 13.
- 75 Marx, “Crítica do Programa de Gotha”, *Obras Escolhidas*, Tomo III, 18.
- 76 Kelley / Evans, 7.
- 77 Kelley / Evans, 3.
- 78 Kelley / Evans, 15. Itálicos no original.
- 79 Kelley / Evans, 14.
- 80 Foster, 184. Itálicos no original.
- 81 Sullivan, citado em Foster, 184.
- 82 Neuhäuser, 107, nota de rodapé 1.
- 83 Neuhäuser, 32.
- 84 Scheidel, 316.
- 85 Neuhäuser, 145.
- 86 Neuhäuser, 146.
- 87 Neuhäuser, 147.
- 88 Neuhäuser, 147.
- 89 Deaton, 102.
- 90 Deaton, 107.
- 91 Deaton, 108.
- 92 Deaton, 113.
- 93 Lindert, Williamson, 198.
- 94 <http://www.sozialpolitik-aktuell.de/files/sozialpolitik-aktuell/Politikfelder/Finanzierung/Datensammlung/PDF-Dateien/abbII1a.pdf>
- 95 Piketty, *O Capital no Século XXI*, 35.
- 96 Cf. os contributos em Delsol / Lecaussin / Martin.
- 97 Cf. Palmer, xv.
- 98 Ponciano, <https://www.forbes.com/sites/jonathanponciano/2020/09/08/self-made-score/?sh=6a41b14d41e4>

- 99 Edwards / Bourne, 10.
 100 Arnott / Bernstein / Wu, 2.
 101 Piketty, *O Capital no Século XXI*, 657.
 102 Pinker, 128-129.
 103 Delsol, 8.
 104 Todos os números provêm de Edwards / Bourne, 3.
 105 Edwards / Bourne, 5.
 106 Sowell, *Intellectuals and Society*, 36.
 107 Sowell, *Intellectuals and Society*, 36.
 108 Knight / McCreddie, 49, 51.
 109 Knight / McCreddie, 55.
 110 Knight / McCreddie, 46.
 111 Scheidel, 541-545.
 112 Scheidel, 546.
 113 Scheidel, 553.
 114 Niemietz, "Mythos vom Globalisierungsverlierer," 155.
 115 Edwards / Bourne, 16-17.
 116 Pinker, 141.
 117 Watkins / Brook, *Equal is Unfair*, 40.
 118 Tillessen, 46.
 119 Tillessen, 47.
 120 Tillessen, 56.
 121 Tillessen, 30.
 122 Governo da República Federal da Alemanha, XVI.
 123 <https://schoolinreviews.com/pisa-results-published-in-dec2019-which-countries-score-the-highest-and-why/>
 124 <https://schoolinreviews.com/pisa-results-published-in-dec2019-which-countries-score-the-highest-and-why/>
 125 Scheidel, 32.
 126 Scheidel, 48-49.
 127 Zitelmann, "Zur Argumentationsstrategie", 28.
 128 Klein, N., 80.
 129 Klein, N., 112.
 130 Klein, N., 19.
 131 Klein, N., 19.
 132 Klein, N., 19.
 133 Klein, N., 22.
 134 Klein, N., 123.
 135 Klein, N., 36.
 136 Klein, N., 57.
 137 Klein, N., 57.
 138 Klein, N., 86.
 139 Klein, N., 118.

- 140 Klein, N., 120.
141 Klein, N., 121.
142 Klein, N., 121.
143 Klein, N., 121.
144 Klein, N., 119.
145 Klein, N., 37.
146 Klein, N., 77.
147 Wendling / Emerson, et al., *EPI*, 2020, 1.
148 Wendling / Emerson, et al., *EPI*, 2020, 10.
149 Weede, “Wirtschaftliche Freiheit”, 448.
150 Miller/ Kim/ Roberts, *Index of Economic Freedom 2021*, 26.
151 Méndez.
152 Méndez.
153 O relatório Doing Business foi descontinuado em 2021 pelo Banco Mundial, mas, em 2022, um conjunto de organizações internacionais lideradas pelo Fraser Institute do Canadá, e entre as quais se encontra o Instituto Mais Liberdade, decidiram voltar a promover a sua produção. Ver mais detalhes em: <https://maisliberdade.pt/biblioteca/doing-business-2.0-a-better-guide-for-policy-makers/> (Nota da edição).
154 Wendling/ Emerson et al., *EPI*, 2020, 44.
155 Mavragani / Nikolaou / Tsagarakis, 8.
156 Antweiler / Copeland / Taylor, 41.
157 Mavragani / Nikolaou / Tsagarakis, 1.
158 Medvedev, *The Ecologist*, 20, 1, Jan/Feb, 1990, 24.
159 Feshbach / Friendly, Jr., 1.
160 Higginbotham, 34.
161 Higginbotham, 41.
162 Higginbotham, 42.
163 Higginbotham, 41.
164 Higginbotham, 278.
165 Higginbotham, 279.
166 Higginbotham, 64.
167 Higginbotham, 92-93.
168 Higginbotham, 329.
169 Higginbotham, 328-329.
170 Higginbotham, 332.
171 Higginbotham, 473.
172 Beleites, 152.
173 Pinker, 170.
174 Zitelmann, *The Power of Capitalism*, Capítulo 1.
175 Dikötter, *Mao's Great Famine*, 57.
176 Dikötter, *Mao's Great Famine*, 61.
177 Chang / Halliday, 485.

- 178 Pinker, 170.
- 179 Fink / Kurz, “Umweltdesaster DDR”: <https://www.insm-oekonomenblog.de/22661-bitteres-aus-bitterfeld-das-umweltdesaster-der-ddr-und-seine-lehren/>
- 180 Relatório da Fundação Federal para a Gestão da Herança da RDA:
<https://deutsche-einheit-1990.de/ministerien/muner/verschmutzung/>
- 181 *Idem.*
- 182 Beleites, 163.
- 183 Knabe, “Klimakiller DDR”.
- 184 Fink / Kurz, “Umweltdesaster DDR”: <https://www.insm-oekonomenblog.de/22661-bitteres-aus-bitterfeld-das-umweltdesaster-der-ddr-und-seine-lehren/>.
- 185 *Idem.*
- 186 *Idem.*
- 187 *Idem.*
- 188 Knabe, “Klimakiller DDR”.
- 189 Knabe, “Klimakiller DDR”.
- 190 Knabe, “Klimakiller DDR”.
- 191 Williams, “Environmentalists are Dead Wrong.”
- 192 Follett, “7 Enviro Predictions.”
- 193 Publicado em Portugal nos anos 70 pela editora Dom Quixote [Nota da edição].
- 194 McAfee, 59.
- 195 McAfee, 80.
- 196 Kreutzer / Land.
- 197 Hayek, *O Caminho para a Servidão*, 63.
- 198 Wall Street Journal, “World’s Dumbest Energy Policy”: <https://www.wsj.com/articles/worlds-dumbest-energy-policy11548807424>.
- 199 Gates, 96. Mortes por Terawatt/hora (TWh). Os valores aqui mostrados abrangem todo o processo de produção energética, desde a extração dos combustíveis até à sua transformação em eletricidade, bem como os problemas ambientais que provocam, como por exemplo a poluição atmosférica.
- 200 Graw, 184-185.
- 201 Gates, 94.
- 202 Gates, 209.
- 203 Ruprecht, Lüdecke, 58. Foram confirmados 15 895 óbitos e 2539 pessoas continuam desaparecidas, Cf. Graw, Grüne, 180.
- 204 Shellenberger, 205 ss.
- 205 Rupprecht / Lüdecke, 46 ss., 126.
- 206 Kerry Emanuel, citado in Shellenberger, 209.
- 207 Shellenberger, 220 ss.
- 208 Weimer, “Sogar Bill Gates. . .”
- 209 Gates, 96-97.

- 210 Neubauer, *Ökofimmel*.
- 211 Polleit, *Antikapitalist*, 48.
- 212 Polleit, *Antikapitalist*, 48.
- 213 Polleit, *Antikapitalist*, 49. Itálicos no original.
- 214 Polleit, *Antikapitalist*, 49 ss.
- 215 Marx, *O Capital*, Livro Primeiro, Tomo III, 861-862.
- 216 Marx, *Grundrisse*, 748.
- 217 Marx, *Grundrisse*, 748.
- 218 Marx, *Grundrisse*, 749.
- 219 Rosdolsky, 382.
- 220 Zitelmann, “Left-Wing Intellectuals,” <https://www.forbes.com/sites/rainerzitelmann/2020/03/30/left-wing-intellectuals-are-thrilled-corona-and-dreams-of-the-end-of-capitalism/?sh=130c65d57420>.
- 221 Davies, “The Last Global Crisis.”
- 222 Schumpeter, *Teoria*, 468.
- 223 Schumpeter, *Teoria*, 470.
- 224 Schumpeter, *Teoria*, 472-473.
- 225 Schumpeter, *Teoria*, 480.
- 226 Schumpeter, *Teoria*, 469.
- 227 Schumpeter, *Capitalismo*, 121.
- 228 Schumpeter, *Capitalismo*, 122. Itálicos no original.
- 229 Schumpeter, *Capitalismo*, 123.
- 230 Schumpeter, citado em Hagemann, 444.
- 231 Sombart, *Der moderne*, III.2., 585.
- 232 Sombart, *Der moderne*, III.2., 586.
- 233 Schumpeter, citado em Hagemann, 444. Hagemann acrescenta, no entanto, que Schumpeter relativizou parcialmente esta tese no seguimento da Grande Depressão.
- 234 DiLorenzo, 156 ss.
- 235 DiLorenzo, 181.
- 236 DiLorenzo, 183.
- 237 Voegeli, 47.
- 238 White, citado em Tempelman, 5.
- 239 Krugman, citado em Ravier / Lewin, 57.
- 240 Greenspan, 256. A tese de Greenspan é absurda. O índice de habitação-própria não é um indicador de prosperidade, como Greenspan então afirmava, e muitos decisores políticos hoje acreditam ou afirmam. O índice de habitação-própria é quase consistentemente muito mais elevado nos países pobres do que nos países ricos. A próspera Suíça tem um dos índices mais baixos do mundo, com 41 por cento, que comparam, por exemplo, com 88 por cento no Nepal e 96 por cento na Roménia.
- 241 Norberg, *Financial Fiasco*, 30.
- 242 Woods, *Meltdown*, 15.
- 243 Norberg, *Financial Fiasco*, 33.

- 244 Norberg, *Financial Fiasco*, 41.
- 245 Norberg, *Financial Fiasco*, 42.
- 246 Brook / Watkins, 53.
- 247 Brook / Watkins, 54–55.
- 248 Norberg, *Financial Fiasco*, 132.
- 249 Collier / Kay, 14.
- 250 Collier / Kay, 69.
- 251 Bookstaber, 257.
- 252 Zitelmann, *The Power of Capitalism*, 146.
- 253 Baader, *Geldsozialismus*, 94.
- 254 Considere-se, por exemplo, as duas crises petrolíferas dos anos 70, ambas desencadeadas pela então poderosa Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP). O preço do petróleo, ajustado à inflação, aumentou cerca de 1000% em menos de dez anos em resultado destas políticas, precipitando graves recessões em muitos países, incluindo países em desenvolvimento, e causando um aumento acentuado do desemprego e da inflação.
- 255 Ziegler, 45.
- 256 Ziegler, 56.
- 257 Ziegler, 119.
- 258 Ziegler, 97–98.
- 259 Krugman, “Oligarchy”.
- 260 Stiglitz, 22.
- 261 Chomsky, *Requiem*, 136.
- 262 Walter / Marg, 19.
- 263 Walter / Marg, 129.
- 264 Walter / Marg, 130.
- 265 Walter / Marg, 130.
- 266 Boldt, “Top-Manager Reitzle”.
- 267 Page / Gilens, *Democracy*, 100.
- 268 Page / Gilens, *Democracy*, 101.
- 269 Page / Gilens, *Democracy*, 104.
- 270 Edwards / Bourne, 22.
- 271 <https://www.n-tv.de/politik/Wahlkampf-kostet-Bloomberg-eine-Milliarde-article21727861.html>.
- 272 Kamarck, “If money can’t buy you votes”, <https://www.brookings.edu/blog/fixgov/2020/03/05/if-money-cant-buy-you-votes-what-can-it-buy-lessons-from-michael-bloombergs2020-run/>
- 273 Edwards / Bourne, 25.
- 274 Page / Gilens, *Democracy*, 98.
- 275 Page / Gilens, *Democracy*, 96.
- 276 Smith, B.A. “The Power of Political Money”.
- 277 Bartels, 98, quadro na pág. 100.
- 278 Page / Bartels / Seawright, “Democracy and the Policy Preferences of

- Wealthy Americans”: <https://faculty.wcas.northwestern.edu/~jnd260/cab/CAB2012%20-%20Page1.pdf>.
- 279 Page / Bartels / Seawright, 53. É admitidamente difícil realizar estudos que envolvam os muito ricos. Eu próprio realizei um com base em 45 alemães ricos, todos com fortunas superiores a 10 milhões de euros – a maioria entre 30 milhões e mil milhões. Mas tratou-se de um estudo qualitativo e não quantitativo. Cf. Zitelmann, *The Wealth Elite*.
- 280 Page / Bartels / Seawright, 68.
- 281 Page / Bartels / Seawright, 54.
- 282 York, “Does Rising”.
- 283 York, “Does Rising”.
- 284 Edwards / Bourne, 24.
- 285 Gilens, *Affluence*, 57, 53.
- 286 Gilens, *Affluence*, 121.
- 287 Gilens, *Affluence*, 117.
- 288 Niskanen / Moore.
- 289 Niskanen / Moore.
- 290 Stiglitz, 134-135.
- 291 Gilens, *Affluence*, 238.
- 292 Frankfurter Allgemeine Zeitung, “Doppelt so viele Unternehmer,” <https://www.faz.net/aktuell/wirtschaft/deutlich-mehr-unternehmer-im-bundestag15225816.html>.
- 293 <https://www.welt.de/wirtschaft/article234058756/Bundestagswahl-Das-sind-die-Berufe-der-neuen-Abgeordneten.html>.
- 294 Page / Gilens, 106.
- 295 Page / Gilens, 106.
- 296 Transparency International, *Corruption Perceptions Index 2020*, <https://www.transparency.org/en/cpi/2020/index/nzl>, <https://www.transparency.org/en/cpi/2020/index/rus>, https://infographics.economist.com/2016/Cronyism_index/.
- 297 Meltzer, 13.
- 298 Transparency International, *Corruption Perceptions Index (CPI) 2020*: <https://www.transparency.org/en/cpi/2020/index/nzl> and Miller / Kim, / Roberts, *2021 Index of Economic Freedom*.
- 299 Mises, *Socialism*, 344.
- 300 Mises, *Socialism*, 351.
- 301 Lénine, “O Imperialismo: Fase Superior do Capitalismo”, Tomo 301.
- 302 Lénine, “O Imperialismo”, 304.
- 303 Smith, A., *Riqueza*, 168-169.
- 304 McKenzie / Lee, 5.
- 305 Lénine, “O Imperialismo”, 301.
- 306 Lénine, “O Imperialismo”, 308.
- 307 Lénine, “O Imperialismo”, 308.

- 308 Lénine, "O Imperialismo", 310.
- 309 Plumpe, *Das kalte Herz*, 233.
- 310 Plumpe, *Das kalte Herz*, 626.
- 311 Schumpeter, *Capitalismo*, 141.
- 312 Schumpeter, *Capitalismo*, 141.
- 313 Schumpeter, *Capitalismo*, 142.
- 314 Schumpeter, *Capitalismo*, 142.
- 315 Schumpeter, *Capitalismo*, 144.
- 316 McKenzie / Lee, 23. Itálicos no original.
- 317 McKenzie / Lee, xxi. Itálicos no original.
- 318 McKenzie / Lee, xx.
- 319 McKenzie / Lee, xix.
- 320 Schumpeter, *Capitalismo*, 122. Itálicos no original.
- 321 Marx, *O Capital*, Livro Terceiro, Tomo VIII, 723.
- 322 McKenzie / Lee, 222. Itálicos no original.
- 323 Pettinger, "Advantages and Disadvantages of Monopolies".
- 324 McKenzie / Lee, 51-52.
- 325 Petit, 121 ss.
- 326 Cowen, 102-103.
- 327 Petit, 130-131.
- 328 Petit, 116.
- 329 Petit, 53 ss.
- 330 Stone, *Amazon Unbound*.
- 331 Petit, 257.
- 332 Auer / Petit, 112.
- 333 Auer / Petit, 117.
- 334 Auer / Petit, 119.
- 335 Auer / Petit, 119.
- 336 Friedman, *Capitalismo*, 169.
- 337 Cowen, 84.
- 338 Bourne, "Is This Time Different?" <https://www.cato.org/sites/cato.org/files/2019-09/Is%20This%20Time%20Different%3E.pdf>
- 339 Bourne, "Is This Time Different?", 7.
- 340 Bourne, "Is This Time Different?", 8.
- 341 Bourne, "Is This Time Different?", 9.
- 342 Bourne, "Is This Time Different?", 15.
- 343 Heuer, "Die Einfalt der Vervielfältiger".
- 344 <https://de.statista.com/statistik/daten/studie/181577/umfrage/marktanteile-der-hersteller-von-druckern-weltweit-seit2009/>
- 345 Bourne, "Is This Time Different?", 9.
- 346 Liebowitz / Margolis, 267.
- 347 Gassmann, "Ewige Allmacht".
- 348 Friedman, *Capitalismo*, 58.

- 349 Cowen, 84.
- 350 Citado em Meissner, 23.
- 351 Citado em Meissner, 24.
- 352 Citado em Meissner, 31.
- 353 Citado em Meissner, 91.
- 354 Meissner, 49.
- 355 DiLorenzo, 153.
- 356 Rhonheimer, “Ludwig Erhards Konzept”, 101.
- 357 Kirzner, *Competition and Entrepreneurship*, 22-23.
- 358 Rand, “America’s Persecuted Minority”, 52-53. Itálicos no original.
- 359 Rand, “America’s Persecuted Minority”, 55. Itálicos no original.
- 360 Rand, “America’s Persecuted Minority”, 57.
- 361 Zhang, *Ideas for China’s Future*, 54.
- 362 Zhang, *Ideas for China’s Future*, 55.
- 363 Erhard, 176 ss. Outros casos citados por Rhonheimer, “Ludwig Erhards Konzept”, 91 ss.
- 364 DiLorenzo, 154. Itálicos no original.
- 365 Cowen, 89.
- 366 Cowen, 95.
- 367 Cowen, 115.
- 368 Simon, 22-23.
- 369 A margem de retorno nas vendas é dada pela divisão do resultado operacional (antes de impostos) pelas receitas (excluindo o imposto sobre as vendas [em Portugal, o IVA]).
- 370 Simon, 41.
- 371 Simon, 1.
- 372 Simon, 88-89.
- 373 Simon, 88.
- 374 Simon, 88.
- 375 Simon, v.
- 376 Collier / Kay, 7.
- 377 Collier / Kay, 14.
- 378 Collier, *O Futuro do Capitalismo*, 133.
- 379 Collier, *O Futuro do Capitalismo*, 134. Itálicos no original.
- 380 Collier, *O Futuro do Capitalismo*, 135.
- 381 Collier, *O Futuro do Capitalismo*, 135-136.
- 382 Rand, *The Virtue of Selfishness*, 5. Itálicos no original.
- 383 Backhaus, 11.
- 384 Discurso de Hitler em 13 de novembro de 1930, citado em Zitelmann, *Hitler’s National Socialism*, 301.
- 385 Arendt, 82-83.
- 386 Arendt, 83.
- 387 Smith, A., 94-95. Secção disponível em <https://maisliberdade.pt/biblioteca/>

do-principio-que-da-origem-a-divisao-do-trabalho/

- 388 Mises, *Socialism*, 357.
- 389 Sowell, *Intellectuals and Society*, 67-68. Itálicos no original.
- 390 Simon, *True Profit*, 69.
- 391 Para mais detalhes, cf. Zitelmann, *The Wealth Elite*, capítulo 12, 232-242.
- 392 Cf. também Courtois et al., *O Livro Negro do Comunismo*.
- 393 Plumpe, *Das kalte Herz*, 640.
- 394 Charles / Ritz, 108-109.
- 395 Sloterdijk, 64.
- 396 Sloterdijk, 64.
- 397 Schwarzenegger, citado em Andrews, 66.
- 398 Schwarzenegger, citado em Lommel, 25.
- 399 Papa Francisco, *Laudato Si'*, parágrafo 203.
- 400 Papa Francisco, *Laudato Si'*, parágrafo 193.
- 401 Ziegler, 60-61.
- 402 Ziegler, 62.
- 403 Ziegler, 64.
- 404 Scruton, 71.
- 405 Marcuse, 34. Itálicos no original.
- 406 Marcuse, 49.
- 407 Citado em Hecken, 127.
- 408 Pasolini, "Um Desafio aos Executivos das Cadeias de Televisão", *Corriere della Sera*, 9 de dezembro de 1973.
- 409 Pasolini, "Não Tenham Medo de ter Coração", *Corriere della Sera*, 10 de março de 1975.
- 410 Pasolini, "Carta Aberta a Italo Calvino: De Pasolini - Aquilo de Que Tenho Saudades", *Paese Sera*, 8 de julho de 1974.
- 411 Plumpe, *Das kalte Herz*, 78.
- 412 Plumpe, *Das kalte Herz*, 79.
- 413 Plumpe, *Das kalte Herz*, 213-214.
- 414 Plumpe, *Das kalte Herz*, 214.
- 415 Carey, 93.
- 416 Carey, 94.
- 417 Carey, 105.
- 418 Carey, 106.
- 419 Briesen, 12 ss.
- 420 König, *Konsumgesellschaft*, 272.
- 421 Korn, citado em Hecken, 37.
- 422 Korn, citado em Hecken, 50.
- 423 Korn, citado em Hecken, 49.
- 424 Lundberg, 70-71.
- 425 Lundberg, 68.
- 426 Galbraith, 36.

- 427 Lawson.
428 Lawson.
429 Hecken, 215.
430 Bourdieu e Wacquant, citado in Hartmann, *The Sociology of Elites*, 115.
431 Bourdieu, 764 ss.
432 Ludwig Erhard, citado em Hecken, 113.
433 Tillessen, 43.
434 Tillessen, 30.
435 Tillessen, 56.
436 Tillessen, 57.
437 Tillessen, 40.
438 Tillessen, 40.
439 Tillessen, 25.
440 Tillessen, 34.
441 Tillessen, 34.
442 Tillessen, 36.
443 Tillessen, 61.
444 Tillessen, 61.
445 Tillessen, 70.
446 Tillessen, 86.
447 Tillessen, 186.
448 Tillessen, 183.
449 Hecken, 148.
450 Hecken, 221.
451 Trentmann, 4.
452 Trentmann, 8.
453 Schoeck, *Envy*, 260.
454 Trentmann, 678.
455 Trentmann, 680.
456 Trentmann, 686.
457 Ziegler, 62. Itálicos no original.
458 Ziegler, 63. Itálicos no original.
459 Ziegler, 64.
460 Chomsky, *Requiem*, 123.
461 Chomsky, *Requiem*, 124.
462 Heller, 18.
463 Kürschner, 5.
464 Heller, 12.
465 Samland, 13–18.
466 Schultz, citado em Ries / Ries, 129.
467 Shapiro / Hitsch / Tuchman, 3.
468 Koch, “Wirkt Werbung überhaupt nicht?”
469 Schoeck, *Ungleichheit*, 176.

- 470 <https://de.wikipedia.org/wiki/Obsoleszenz>.
- 471 Cf. Prakash et al.: <https://www.umweltbundesamt.de/publikationen/einfluss-der-nutzungsdauer-von-produkten-auf-ihre-1>
- 472 König, *Wegwerfgesellschaft*, 119.
- 473 König, *Wegwerfgesellschaft*, 118–119.
- 474 Snow, Ford, 299.
- 475 König, *Wegwerfgesellschaft*, 119.
- 476 Citado em König, *Wegwerfgesellschaft*, 121.
- 477 Easterlin, “Does Economic Growth Improve the Human Lot?”; A propósito de uma apresentação da pesquisa e da controvérsia envolvendo Easterlin., Cf. Weimann / Knabe / Schön, 17 ss.
- 478 Cf. Kahneman / Deaton, “High Income Improves...”.
- 479 Cf. Killingsworth: <https://www.pnas.org/content/118/4/e2016976118>
- 480 Pinker, 185.
- 481 Pinker, 185.
- 482 Rosling, 124.
- 483 Gartzke, “Capitalist Peace”, 168. Nota de rodapé 10, com inúmeras referências.
- 484 Weede, “Frieden durch Kapitalismus,” 67.
- 485 Weede, “Frieden durch Kapitalismus,” 68.
- 486 Gartzke, “Capitalist Peace”, 180.
- 487 Gartzke, “Capitalist Peace”, 180.
- 488 Gartzke / Hewitt, 129.
- 489 Gartzke / Hewitt, 138.
- 490 Cobden, 71.
- 491 Gartzke, “Capitalist Peace”, 170.
- 492 Weede, “The Expansion”, 821. Itálicos no original.
- 493 Cf. Schneider / Gleditsch / Peter, 3 ss., que faz a distinção entre quatro argumentos principais.
- 494 Weede, “The Expansion”, 824.
- 495 Weede, “The Expansion”, 823.
- 496 Weede, “The Capitalist Peace and the Rise of China”, 159.
- 497 Jäger / Beckmann, 9-146.
- 498 Citado em Ferguson, *O Horror da Guerra*, 77.
- 499 Lenin, “O Imperialismo”, 293-294.
- 500 Plumpe, “Logik des modernen Krieges”, 327.
- 501 Plumpe, “Logik des modernen Krieges”, 328.
- 502 Plumpe, “Logik des modernen Krieges”, 332. Itálicos no original.
- 503 Plumpe, “Logik des modernen Krieges”, 343.
- 504 Ferguson, *O Horror da Guerra*, 78.
- 505 Steed, citado em Ferguson, *O Horror da Guerra*, 79.
- 506 Ferguson, *O Horror da Guerra*, 79-80.
- 507 Ferguson, *O Horror da Guerra*, 493.

- 508 Gartzke, “The Capitalist Peace”, 171
- 509 Dados revistos pela última vez em 2015, consultados em 25 de maio de 2021: <http://commons.ch/deutsch/wp-content/uploads/Top-15-L%C3%A4nder-nach-Gesamtwert-aller-ihrer-Rohstoffvorkommen.pdf>
- 510 Dados até 2019, consultados em 25 de maio de 2021: <https://data.worldbank.org/>
- 511 Dados até 2019, consultados em 25 de maio de 2021: <https://data.worldbank.org/>
- 512 Consultado em 25 de maio de 2021: <https://www.tradinghours.com/markets/sgx>
- 513 Consultado em 25 de maio de 2021: <https://www.tradinghours.com/markets/sgx>
- 514 Miller / Kim / Roberts, *Heritage Foundation Index of Economic Freedom 2021*.
- 515 Dados até 2019, consultado em 25 de maio de 2021: <https://data.worldbank.org/>
- 516 Dados até 2019, consultado em 25 de maio de 2021: <https://data.worldbank.org/>
- 517 Collier, *Os Milhões da Pobreza*, 59 ss.
- 518 Cf. Zitelmann, “Zur Begründung des ‘Lebensraum’-Motivs in Hitlers Weltanschauung.”
- 519 Cf. Bukharine, 150-154; Luxemburgo, 430.
- 520 Citado em Zitelmann, *Hitler's National Socialism*, 372-373.
- 521 Citado em Zitelmann, *Hitler's National Socialism*, 375.
- 522 Citado em Zitelmann, *Hitler's National Socialism*, 346.
- 523 Citado em Zitelmann, *Hitler's National Socialism*, 301.
- 524 Citado em Zitelmann, *Hitler's National Socialism*, 301. Itálicos no original.
- 525 Zitelmann, *Hitler's National Socialism*, 301. Itálicos no original.
- 526 Cf. Zitelmann, *Hitler's National Socialism*, 513-514.
- 527 Citado em Zitelmann, *Hitler's National Socialism*, 303.
- 528 Piketty, *O Capital no Século XXI*, 752.
- 529 Piketty, *O Capital no Século XXI*, 753-754.
- 530 Piketty, *O Capital no Século XXI*, 754.
- 531 Piketty, *O Capital no Século XXI*, 755-756.
- 532 Piketty, *O Capital no Século XXI*, 756.
- 533 Piketty, *O Capital no Século XXI*, 761.
- 534 Piketty, *O Capital no Século XXI*, 764; Scheidel, 215.
- 535 Piketty, *O Capital no Século XXI*, 765.
- 536 Banken, 390.
- 537 Scheidel, 199.
- 538 Scheidel, 173.
- 539 Scheidel, 173.
- 540 Scheidel, 179.
- 541 Scheidel, 179.
- 542 Scheidel, 28.
- 543 Scheidel, 197-198.
- 544 Scheidel, 197.
- 545 Scheidel, 221.
- 546 Scheidel, 236.
- 547 Bierling, 107.

- 548 <https://www.amazon.de/Spiegel-Nr2003-13-01-2003-Blut/dp/B00RI3V8QC>
- 549 https://en.wikipedia.org/wiki/Fahrenheit_9/11
- 550 Chomsky, entrevistado por Christopher Cramer: <https://www.pressenza.com/2018/05/noam-chomsky-discusses-iraq/>
- 551 Bierling, 109.
- 552 Bierling, 110.
- 553 Bierling, 109.
- 554 Bierling, 110.
- 555 Mueller, 180.
- 556 Mueller, 172.
- 557 Mueller, 172.
- 558 Plumpe, *Das kalte Herz*, 171.
- 559 Plumpe, *Das kalte Herz*, 171.
- 560 Horkheimer, “The Jews and Europe”, 78.
- 561 Dimitrov, citado em McDermott, 131.
- 562 Hitler, citado em Zitelmann, *Hitler's National Socialism*, 336. (“Cortar cupões” refere-se ao recebimento de juros em títulos de dívida pública e empresarial. À época, tal implicava a apresentação de um cupão ao banco, cupão esse que era cortado do certificado de dívida).
- 563 Hitler, 7 de agosto de 1920, citado em Zitelmann, *Hitler's National Socialism*, 311.
- 564 Hitler, 25 de agosto de 1920, citado em Zitelmann, *Hitler's National Socialism*, 312.
- 565 Citado em Zitelmann, *Hitler's National Socialism*, 311.
- 566 Turner, *German Big Business*, 127.
- 567 Turner, *German Big Business*, 66.
- 568 Turner, *German Big Business*, 127.
- 569 Turner, *German Big Business*, 135.
- 570 Pollock, 442.
- 571 Reusch foi, durante muitos anos, presidente do conselho de administração do conglomerado Gutehoffnungshütte, uma grande companhia a operar na área do carvão e do aço na região do Ruhr.
- 572 Turner, *German Big Business*, 98.
- 573 Turner, *German Big Business*, 181.
- 574 Zitelmann, *Hitler's National Socialism*, 425-428.
- 575 Turner, *Big German Big Business*, 342.
- 576 Turner, “Emil Kirdorf and the Nazi Party”, 324-344.
- 577 Turner, “Big Business and the Rise of Hitler”, 64.
- 578 Turner, “Big Business and the Rise of Hitler”, 66.
- 579 Falter, *Mitglieder*, 74.
- 580 Falter, 29.
- 581 Turner, *Big German Business*, 118.
- 582 Turner, *Big German Business*, 253.

- 583 Turner, "Big Business and the Rise of Hitler", 63.
- 584 Turner, *Big German Business*, 254.
- 585 Franz von Papen foi o imediato antecessor de Hitler como chanceler em 1933. Até 1932, von Papen pertenceu ao "Center", um partido Católico, passando depois a governar como independente.
- 586 Turner, *Big German Business*, 345.
- 587 Falter, 81.
- 588 Falter, 76.
- 589 Falter, 187.
- 590 Aly, 15.
- 591 Citado em Aly, 15.
- 592 Aly, 29.
- 593 Aly, 74.
- 594 Aly, 72.
- 595 Aly, 41, 84 ss. (O imposto sobre as rendas urbanas taxava o valor bruto das rendas e não o rendimento líquido obtido).
- 596 Aly, 87.
- 597 Aly, 84.
- 598 Aly, 41.
- 599 Banken, 347 ss.
- 600 Banken, 424. "Körperschaftsteuer" (imposto sobre as sociedades) e "Einkommensteuer" (imposto sobre o rendimento, no caso de empreendimentos que não estivessem sujeitos ao imposto sobre as sociedades). [Nota da tradução]
- 601 Banken, 439.
- 602 Banken, 426.
- 603 Hitler, citado em Zitelmann, *Hitler's National Socialism*, 323. Itálicos no original.
- 604 Hitler, 14 de setembro de 1936, citado em Zitelmann, *Hitler's National Socialism*, 208.
- 605 Cf. Zitelmann, *Hitler's National Socialism*, 325.
- 606 Pollock, 441.
- 607 Pollock, 444.
- 608 Pollock, 453.
- 609 Barkai, 203.
- 610 Petzina, 162.
- 611 Petzina, 159 ss.
- 612 Aly, 6 (edição inglesa).
- 613 Aly, 4 (edição inglesa).
- 614 Aly, 424.
- 615 Götz, 56.
- 616 Schmiechen-Ackermann, 36.
- 617 Cf. as citações feitas no Cap. 8 do presente livro.
- 618 Hitler, 26 de agosto de 1942, citado em Zitelmann, *Hitler's National Socialism*,

- 513.
- 619 Hitler, 22 de julho de 1942, citado em Zitelmann, *Hitler's National Socialism*, 302.
- 620 Hitler, 24 de março de 1942, cf. Zitelmann, *Hitler's National Socialism*, 329.
- 621 Citado em Zitelmann, *Hitler's National Socialism*, 332.
- 622 Citado em Zitelmann, *Hitler's National Socialism*, 332-333.
- 623 Hayek, *A Constituição da Liberdade*, 88.
- 624 Hayek, *Constituição*, 91.
- 625 João, 18:36.
- 626 Schroeder, "The Dismal Fate".
- 627 Henri Barbusse citado em Hollander, 132.
- 628 Shaw, 112.
- 629 Alfred Kerr, citado em Ryklin, 74.
- 630 Ryklin, 139.
- 631 Citado em Easton, "Labour's manifesto."
- 632 Lénine, "Como Organizar a Emulação?", 444.
- 633 Lénine, "Como Organizar a Emulação?", 447. Itálicos no original.
- 634 Baberowski, *Scorched Earth*, 39.
- 635 Baberowski, *Scorched Earth*, 36.
- 636 Baberowski, *Scorched Earth*, 36.
- 637 Wemheuer, 45.
- 638 Lenine, "Sobre a Fome", 618.
- 639 Koenen, 805.
- 640 Koenen, 805.
- 641 Citado em Courtois, 24.
- 642 Citado em Werth, 130.
- 643 Citado em Werth, 127-128.
- 644 Citado em Werth, 128.
- 645 Citado em Werth, 125.
- 646 Citado em Werth, 95.
- 647 Wemheuer, 45.
- 648 Koenen, 813.
- 649 Werth, 137.
- 650 Koenen, 814.
- 651 Lénine, "The New Economic Policy and the Tasks of the Political Education Departments", 63.
- 652 Lénine, "The New Economic Policy and the Tasks of the Political Education Departments", 63-64.
- 653 Lénine, "The New Economic Policy and the Tasks of the Political Education Departments", 64.
- 654 Baberowski, *Scorched Earth*, 68.
- 655 Altrichter, 53-54.
- 656 Werth, 148; Wemheuer, 59.
- 657 Altrichter, 54.

- 658 Estaline, "The Seventh Enlarged Plenum of the E.C.C.I.", 37.
- 659 Baberowski, *Scorched Earth*, 78.
- 660 Baberowski, *Scorched Earth*, 76.
- 661 Comissão do Comité Central do Partido Comunista da U.R.S.S., *História do Partido Comunista (Bolchevique) da U.R.S.S.*, 135. Itálicos no original.
- 662 Estaline, citado na *História do Partido Comunista (Bolchevique) da U.R.S.S.*, 136.
- 663 Estaline, *Três Anos de Execução do Plano Quinquenal*, 76.
- 664 Estaline, *Três Anos de Execução do Plano Quinquenal*, 118.
- 665 Baberowski, *Scorched Earth*, 149. Itálicos no original.
- 666 Wemheuer, 67.
- 667 Wemheuer, 69.
- 668 Werth, 190.
- 669 *História do Partido Comunista (Bolchevique) da U.R.S.S.*, 138. Itálicos no original.
- 670 *História do Partido Comunista (Bolchevique) da U.R.S.S.*, 139.
- 671 Duranty, citado em Hollander, *From Benito*, 124.
- 672 Waldo Frank, citado em Niemietz, *Socialism*, 69.
- 673 Altrichter, 84.
- 674 Werth, 184, 194.
- 675 Werth, 235-236.
- 676 Werth, 238.
- 677 Werth, 246.
- 678 Baberowski, *Der Rote Terror*, 116.
- 679 Baberowski, *Scorched Earth*, 98.
- 680 Estaline, "Political Report of the Central Committee to the Sixteenth Congress of the C.P.S.U.(B.)", 317.
- 681 Altrichter, 88.
- 682 Dikötter, *Cultural Revolution*, 5.
- 683 Dikötter, *Cultural Revolution*, 5.
- 684 Dikötter, *Cultural Revolution*, 9-10.
- 685 Dikötter, *Cultural Revolution*, 19.
- 686 Dikötter, *Cultural Revolution*, 22.
- 687 Dikötter, *Cultural Revolution*, 24.
- 688 Dikötter, *Cultural Revolution*, xi.
- 689 Dikötter, *Cultural Revolution*, 62.
- 690 Dikötter, *Cultural Revolution*, 73.
- 691 Dikötter, *Cultural Revolution*, 75.
- 692 Dikötter, *Cultural Revolution*, 75.
- 693 Dikötter, *Cultural Revolution*, 78.
- 694 Dikötter, *Cultural Revolution*, 87, 92.
- 695 Dikötter, *Cultural Revolution*, 92.
- 696 Chang / Halliday, 374.
- 697 Chang / Halliday, 376.
- 698 Chang / Halliday, 377.

- 699 Chang / Halliday, 378.
 700 Chang / Halliday, 378.
 701 Dikötter, *Cultural Revolution*, 100.
 702 Dikötter, *Cultural Revolution*, 96.
 703 Mao, *Citações*, 17.
 704 Dikötter, *Cultural Revolution*, 119.
 705 Dikötter, *Cultural Revolution*, 164.
 706 Dikötter, *Cultural Revolution*, 174.
 707 Dikötter, *Cultural Revolution*, 176.
 708 Dikötter, *Cultural Revolution*, 176.
 709 Dikötter, *Cultural Revolution*, 278.
 710 Dikötter, *Cultural Revolution*, 274.
 711 Dikötter, *Cultural Revolution*, 225.
 712 Dikötter, *Cultural Revolution*, 277.
 713 Dikötter, *Cultural Revolution*, 284.
 714 Zhang, *Ideas for China's Future*, 142.
 715 Zhang, *Ideas for China's Future*, 143.
 716 Zhang, *Ideas for China's Future*, 144.
 717 Simone de Beauvoir, citada em Niemietz, *Socialism*, 106.
 718 Jean-Paul Sartre, citado em Niemietz, *Socialism*, 108.
 719 Cf. Sobanet.
 720 Para o número de vítimas dos Khmer Vermelhos, cf. Bultmann, *Kambodscha*, 160–161.
 721 Bultmann, *Kambodscha*, 95.
 722 Bultmann, *Kambodscha*, 72.
 723 Bultmann, *Kambodscha*, 72 ss.
 724 Bultmann, *Kambodscha*, 88.
 725 Citado em Chandler et al., 107.
 726 Bultmann, *Kambodscha*, 92.
 727 Bultmann, *Kambodscha*, 138.
 728 Bultmann, *Kambodscha*, 138.
 729 Bultmann, *Kambodscha*, 97.
 730 Bultmann, *Kambodscha*, 99.
 731 Margolin, “Cambodja”, 667.
 732 Margolin, “Cambodja”, 682.
 733 Margolin, “Cambodja,” 718.
 734 Citado em Bultmann, *Kambodscha*, 137.
 735 Citado em Bultmann, *Kambodscha*, 120.
 736 Bultmann, *Kambodscha*, 121.
 737 Bultmann, *Kambodscha*, 148.
 738 Bultmann, *Kambodscha*, 141.
 739 Bultmann, *Kambodscha*, 8.
 740 Bultmann, *Kambodscha*, 144.

- 741 Bultmann, *Kambodscha*, 126.
- 742 Stuart-Fox, citado em Bultmann, *Inside Cambodian Insurgency*, 98.
- 743 Margolin, “Cambodja”, 716.
- 744 Margolin, “Cambodja”, 704.
- 745 Cf. inúmeras declarações de Chomsky em Hollander, *From Benito*, 201.
- 746 Žižek, citado em Gray, *The Violent Visions*, <https://www.nybooks.com/articles/2012/07/12/violent-visions-slavoj-zizek/>.
- 747 Žižek, citado em Hollander, *From Benito*, 29.
- 748 Hollander, *From Benito*, 30.
- 749 Citado em Gallegos, 80.
- 750 Citado em Clark, 60.
- 751 Proclamação do Comité Central do Partido Comunista da Alemanha de 11 de junho de 1945: https://ghdi.ghi-dc.org/docpage.cfm?docpage_id=3252&language=english.
- 752 Engels, *O Desenvolvimento...*, 95. Itálicos no original.
- 753 Engels, *O Desenvolvimento...*, 101.
- 754 Lênine, “O Estado e a Revolução”, 278.
- 755 Marx, “Crítica do Programa de Gotha”, 25. Itálicos no original.
- 756 Lênine, “O Estado e a Revolução”, Obras Escolhidas, Vol. II, 283. Itálicos no original.
- 757 Documentos do 22.º Congresso do Partido Comunista da União Soviética, outubro de 1961, 319.
- 758 Documentos do 22.º Congresso do Partido Comunista da União Soviética, outubro de 1961, 512. Itálicos no original.
- 759 Documentos do 22.º Congresso do Partido Comunista da União Soviética, outubro de 1961, 537. Itálicos no original.
- 760 Documentos do 22.º Congresso do Partido Comunista da União Soviética, outubro de 1961, 542.
- 761 Documentos do 22.º Congresso do Partido Comunista da União Soviética, outubro de 1961, 539.
- 762 Documentos do 22.º Congresso do Partido Comunista da União Soviética, outubro de 1961, 540.
- 763 Marx, “Crítica do Programa de Gotha”, 17.
- 764 https://de.statista.com/themen/5811/kalter-krieg/#dossierSummary_chapter2
- 765 [https://www.jec.senate.gov/reports/97th%20Congress/Consumption%20in%20the%20USSR%20-%20An%20International%20Comparison%20\(1058\).pdf](https://www.jec.senate.gov/reports/97th%20Congress/Consumption%20in%20the%20USSR%20-%20An%20International%20Comparison%20(1058).pdf).
- 766 Aslund, Russia’s Crony Capitalism.
- 767 Em 2020.
- 768 Marx, “Para a Crítica da Economia Política”, 545-549.
- 769 Niemiets, *Socialism*, 48–49.
- 770 Niemiets, *Socialism*, 48–49.

- 771 Edelman Trust Barometer 2020.
- 772 Nocun / Lamberty, 18.
- 773 Imhoff / Bruder.
- 774 Imhoff / Bruder.
- 775 Zitelmann, *The Rich in Public Opinion*.
- 776 O inquérito foi conduzido pelo Instituto Allensbach na Alemanha, pela Fundação Sant Maral na Mongólia pela FACTS Research & Analytics Pvt. Ltd. no Nepal, pela Indochina Research no Vietname e pela Research World International Ltd. no Uganda. Nos restantes países, a tarefa coube à Ipsos MORI.
- 777 Esta comparação das classificações das afirmações, ou seja, a frequência com que uma afirmação surge entre as 5 mais selecionadas ou se foi a mais frequentemente selecionada, a segunda mais frequentemente selecionada, etc., proporciona uma comparação mais significativa que a simples comparação de percentagens entre países. Por exemplo, na Grã-Bretanha, a percentagem de inquiridos que se recusam a dar uma opinião ou selecionam “nenhuma destas” é geralmente bastante elevada em muitos inquéritos (para este item: 27%); em alguns países (França, Suécia, Japão), é de 11% a 14%, enquanto na Alemanha é apenas de 2% e na Coreia do Sul 5%. Isto faz com que qualquer comparação das percentagens das concordâncias dos inquiridos com cada uma das afirmações se torne algo problemática.
- 778 Como as variações nestes quatro países, Grécia, Turquia, Mongólia e Portugal, vão de diminutas a inexistentes, estes foram omitidos dos dois gráficos, 13.5 e 13.6.
- 779 Para mais detalhes, cf. Zitelmann, “Attitudes to wealth in seven countries: The Social Envy Coefficient and the Rich Sentiment Index”: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/ecaf.12468>
- 780 Hayek, *Intellectuals*, 9; Lénine, *Que fazer?*
- 781 Marx, *O Capital*. Livro Primeiro. Tomo I, 74.
- 782 Voegelin, “The Political Religions”.
- 783 Marx, “Introdução” a *Para a Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*, 6. Itálicos no original.
- 784 Aron, *O Ópio dos Intelectuais*, 451.
- 785 *The Times*, citado em Braunthal, 135.
- 786 Koestler, 15.
- 787 Koestler, 15.
- 788 Koestler até argumenta não ter sido a inveja a provocar a sua grande antipatia pelos ricos.
- 789 Almond, 201.
- 790 Reich, xxv.
- 791 Duhm, *Angst*, 8.
- 792 Duhm, *Warenstruktur*, 19.
- 793 Duhm, *Angst*, 151. [Dieter Duhm lidera em Portugal o “Projeto Tamera”. Cf. <https://www.tamera.org/pt/>]
- 794 Aron, citado em Rabbinbach, 114.

- 795 Biss, 3.
 796 Biss, 43.
 797 Neffe, *Marx*, 354.
 798 Cf. Neffe, *Marx*, 354.
 799 Neffe, *Marx*, 464.
 800 Greenwald, “Is Capitalism Dying?”
 801 Para uma perspectiva crítica, cf. Rhonheimer, *Politik für den Menschen*, 225 ss.
 802 Benjamin, 259.
 803 Plumpe, *Das kalte Herz*, 640.
 804 Neffe, *Marx*, 19.
 805 Douthat.
 806 Žižek, “The Will Not to Know”.
 807 Žižek, “The Will Not to Know.”.
 808 Žižek, *A Left that Dares*, 6.
 809 Žižek, *A Left that Dares*, 15.
 810 Žižek, *A Left that Dares*, 12.
 811 Žižek, *A Left that Dares*, 5.
 812 Žižek, *A Left that Dares*, 14.
 813 Ziegler, 121.
 814 Ziegler, 116.
 815 Ziegler, 126.
 816 Ziegler, 36.
 817 Hayek, *Constituição*, 88.
 818 Hayek, “Kinds of Rationalism,” 85.
 819 Piketty, *O Capital no Século XXI*, 55.
 820 Piketty, *Capital e Ideologia*, 1140.
 821 Piketty, *Capital e Ideologia*, 1133.
 822 Piketty, *Capital e Ideologia*, 1132.
 823 Piketty, *Capital e Ideologia*, 1126, nota 1
 824 Piketty, *Capital e Ideologia*, 1132.
 825 Piketty, *Capital e Ideologia*, 1139.
 826 Piketty, *Capital e Ideologia*, 1122.
 827 Piketty, *Capital e Ideologia*, 1123.
 828 Piketty, *Capital e Ideologia*, 1146.
 829 Piketty, *Capital e Ideologia*, 1146. Uma forma mitigada de imposto à saída já existe na Alemanha e em muitos outros países ocidentais.
 830 Plumpe, *Das kalte Herz*, 2019.
 831 Para relatos desta campanha na imprensa Ocidental ver, por ex. <https://www.thetimes.co.uk/article/xi-promises-third-distribution-of-wealth-in-billionaire-crackdown-c9xxl5hsc>; <https://www.reuters.com/world/china/what-is-chinas-common-prosperity-drive-why-does-it-matter2021-09-02/>
 832 Cf. Hayek, *Arrogância Fatal*.
 833 Zitelmann, *The Power of Capitalism*, vi-vii.
 834 Cf. Hayek, *Arrogância Fatal*.

- 835 Cf. Zhang, “A paradigmatic change”.
- 836 Cf. Kirzner.
- 837 Cf. Beinhocker, 9–10.
- 838 Cf. Hayek, *Arrogância Fatal*.
- 839 Klein, 2.
- 840 Zhang, *The Logic of the Market*, 9–12.
- 841 Cf. Zhang, *The Origin of the Capitalist Firm*.
- 842 Cf. Mises, *The Anti-Capitalistic Mentality*, Capítulo 1.
- 843 Hayek, *A Constituição da Liberdade*, 73-75.
- 844 Os índices de expansão do mercado tanto a nível nacional como provincial são compilados pelo Instituto Nacional de Investigação Económica de Pequim. O desenvolvimento do setor privado é um dos cinco componentes do índice e está intimamente correlacionado com os restantes quatro (que incluem a relação governo-mercado, o desenvolvimento do mercado de produtos, o desenvolvimento do mercado de fatores, e o desenvolvimento de organizações intermediárias e do enquadramento legal). O índice de expansão do mercado em 2016 situa-se entre 1.29 (o mais baixo) e 15.98 (o mais elevado), o que constitui os dados mais recentes disponíveis. Ver Wang *et al.* (2017) para definições técnicas e cálculo do índice.
- 845 Zitelmann, *The Power of Capitalism*, 129.
- 846 “Poverty headcount ratio at \$1.90 a day (2011 PPP) (% of population) | Data”: data.worldbank.org. Consultado em 1 de junho de 2019.
- 847 Cf. Sowell, *Intellectuals and Society*, Capítulo 3, e *Discrimination and Disparities*, Capítulo 4.
- 848 Cf. Piketty, *O Capital no Século XXI*.
- 849 Schumpeter, *Teoria do Desenvolvimento Económico*, 341.
- 850 Cf. Khor / Pencavel.
- 851 Cf. Zhang, *The Logic of the Market*, Capítulo 13.
- 852 A expansão do mercado está relacionada com a liberdade económica. A literatura sobre a relação entre liberdade económica e a desigualdade nos vários países tem chegado a resultados díspares. Para Bennet e Nikolaev (2017) os resultados dos estudos anteriores são influenciados pela escolha da amostra de países, pelo período de tempo e/ou pela métrica da desigualdade usada. Uma análise detalhada desta literatura extravasa o âmbito deste artigo.
- 853 Cf. Rubin, “Folk Economics” e Zitelmann, *The Rich in Public Opinion*, Capítulo 5.
- 854 Cf. Schoeck, *Envy*, Capítulo 5.
- 855 Zhang, “The China model view is factually false”.
- 856 Zhang, “China’s future growth depends on innovation entrepreneurs”.

O AUTOR

Rainer Zitelmann nasceu em Frankfurt am Main, na Alemanha, em 1957. Estudou história e ciência política de 1978 a 1983 e formou-se com distinção. Em 1986, doutorou-se com a tese *Hitler. Selbstverständnis eines Revolutionärs* (publicada em inglês com o título *Hitler's National Socialism*) sob a orientação do Professor Freiherr von Aretin. Este estudo, classificado *summa cum laude*, recebeu atenção e reconhecimento a nível mundial.

De 1987 a 1992, Zitelmann trabalhou no Instituto Central de Investigação em Ciências Sociais da Universidade Livre de Berlim. Tornou-se depois chefe de redação na editora Ullstein-Propyläen, à época o terceiro maior grupo editorial alemão, e chefiou vários departamentos do principal jornal diário alemão *Die Welt*. Em 2000, criou o seu próprio negócio, a Dr. ZitelmannPB. GmbH, que se veio a tornar líder em consultoria de mercado para empresas imobiliárias, na Alemanha. Vendeu o negócio em 2016.

Neste mesmo ano, Zitelmann obteve o seu segundo doutoramento, desta vez em sociologia, com uma tese sobre a psicologia dos super-ricos, sob a orientação do Professor Wolfgang Lauterbach da Universidade de Potsdam. Esta segunda dissertação de doutoramento foi publicada em inglês com o título *The Wealth Elite*.

Zitelmann escreveu um total de 26 livros, que obtiveram substancial sucesso e foram publicados em várias línguas por todo o mundo. É um conferencista muito solicitado na Ásia, nos Estados Unidos e na Europa. Nos últimos anos, escreveu artigos e deu entrevistas a muitos dos principais jornais do mundo, incluindo *Le Monde*, *Le Point*, *Corriere della Sera*, *Il Giornale*, *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, *Die Welt*, *Der Spiegel*, *Neue Zürcher Zeitung*, *The Daily Telegraph*, *The Times*, *National Interest*, *Forbes* e a numerosos meios de comunicação social na China e no Vietname. Aos leitores deste livro recomenda-se especialmente a leitura das suas outras obras *The Power of Capitalism* e *The Rich in Public Opinion*. Informação detalhada sobre a biografia de Rainer Zitelmann pode ser consultada em rainer-zitelmann.com.



ÍNDICE

PREFÁCIO..... 5

PARTE A: Os Dez Maiores Mitos Anticapitalistas

MITO 1

“O capitalismo é responsável pela fome e pela pobreza” 14

MITO2

“O capitalismo conduz a uma desigualdade crescente” 33

MITO 3

“O capitalismo é responsável pela destruição do ambiente
e pelas alterações climáticas” 57

MITO 4

“O capitalismo provoca sucessivas crises económicas e financeiras” 80

MITO 5

“O capitalismo é dominado pelos ricos; são eles que ditam a agenda política” 95

MITO 6

“O capitalismo leva a monopólios” 110

MITO 7

“O capitalismo promove o egoísmo e a ganância” 130

MITO 8

“O capitalismo incita as pessoas a comprar produtos de que não precisam” 146

MITO 9

“O capitalismo conduz a guerras” 170

MITO 10

“O capitalismo significa que há sempre o perigo do fascismo” 186

PARTE B: Alternativas Anticapitalistas

CAPÍTULO 11

O socialismo é muito bonito no papel (exceto no dos livros de história)200

PARTE C: Perceções das opiniões públicas a respeito do capitalismo

CAPÍTULO 12

O que pensam as pessoas em Portugal a respeito do capitalismo..... 238

CAPÍTULO 13

O que se pensa a respeito do capitalismo na Europa, nos Estados Unidos,
na América do Sul e na Ásia? 270

CONCLUSÃO

O Anticapitalismo como Religião Política.....308

Economia de Mercado e Prosperidade Comum, por Weiyang Zhang 323

APÊNDICE: O INQUÉRITO344

BIBLIOGRAFIA 348

NOTAS 367

O AUTOR 391



